O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 4 DE NOVEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:312

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Dissolução. — A liberdade republicana.—Commissão Districtal.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—El-rei D. Diniz.—Os partidos politicos em Portugal.—Folhetim: Magdalena.—Azeitão: Paço dos Aveiros em suas relações com a historia.—Carta de Goes. —Carta de Cantanhede.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

Dissolução

A attitude dos jornaes governamentaes não deixa duvidas a ninguem sobre a vontade do governo e a insistencia pretenciosa do sr. ministro do reino pela dissolução das camaras.

O nosso presado collega do *Correio da Noite* accrescenta mesmo que ella deixou de ser uma hypothese para passar á cathegoria de projecto assente e deliberado. Tem graça.

Não nos faltava mais nada. E' o que nos resta ver ainda, repetidas pela 3.ª vez desde que o partido progressista deixou o poder, as scenas de lucta criminosa e de perturbação da paz que todos procuramos.

Pois não será impunemente que o partido regenerador virá perturbar a opinião com novas luctas de sangue e novo ataque ás garantias constitucionaes. Se não podem governar assim, deixem o governo a quem melhor possa e saiba fazêl-o.

São os mais altos e os mais sagrados interesses do paiz que o governo procura ferir com essa tristissima ideia de fazer eleições e reunir com ellas as forças gastas e desconjunctadas d'um partido que se fraccionou ha muito.

São os mais salutares principios constitucionaes que o governo pretende atacar com um erro que nada justifica e que tudo condemna.

E porque nos não sobra hoje o tempo nem o espaço para mais largas considerações, limitamo-nos a protestar desde já contra semelhante atropello e tão indisculpavel abuso do poder, contra que se revoltará tambem o paiz inteiro, e pelo qual tornará decerto responsavel os ministros e a corôa.

A LIBERDADE REPUBLICANA

O Brazil, sob o regimen fratricida de Floriano Peixoto, está dando ao mundo um magnifico exemplo da liberdade, egualdade e fraternidade, que se apregôa ser o lemma do glorioso systema republicano.

E' ver o quadro sinistro de todos os actos presidenciaes, e olhar a sangue frio os decretos ultimamente publicados. Hontem foi o extraordinario caso da nova lei de imprensa; hoje o caso mais extraordinario ainda com relação ás garantias dos cidadãos estrangeiros. Que virá ámanhã? O que virá depois, se este estado de lucta para que se deixou arrastar o Brazil, não terminar a breve trexo pela restauração do antigo, respeitado e florescente imperio?

Eis com o que Floriano acaba de dar o ultimo golpe na liberdade de seculos estabelecida no seu paiz:

Art. 1.º A entrada dos estrangeiros poderá ser prohibida durante o estado de sitio.

Art. 2.º Fica prohibida a entrada de estrangeiro mendigo, vagabundo, atacado de molestia que possa comprometter a saude publica, ou suspeito de attentado commettido fóra do territorio nacional contra a vida, a saude, a propriedade ou a fé publica.

Art. 3.º A expulsão de estrangeiros será individual.

Art. 4.º Podem ser expulsos.

a) os estrangeiros nas condições do artigo antecedente;

b) os que infringirem o disposto no decreto n.º 1:565 d'esta data;

c) os que por qualquer outro modo que não a imprensa se tornarem culpados de excitação á perpetração de infracção, contra a segurança e a tranquilidade publica, ainda que taes excitações não sejam puniveis segundo a lei territorial;

d) os que pela imprensa ou por outro meio incitarem a desobediencia ás leis ou á revolta e guerra civil, ou excitarem odio ou actos de violencia entre ou contra as diversas classes sociaes de modo perigoso á segurança ou á tranquillidade publica;

e) os que por sua conducta comprometterem a segurança da União ou dos Estados;

f) os que incitarem aos crimes contra a liberdade de trabalho;

g) os que por qualquer modo, ainda que no exercicio de profissão, industria ou outro genero de trabalho, permittido por contra propria ou alheia procederem de modo a provocar ou augmentar o mal estar publico, a crear embaraços á tranquillidade e regularidade dos negocios e da vida social.

Art. 5.º A expulsão será ordenada por decreto motivado, expedido pelo ministro da justiça e negocios interiores, e deverá:

a) ser communicada quando fôr conveniente pelo ministro das relações exteriores ao agente diplomatico da nação a que pertencer o paciente ou o agente consular em sua falta;

b) indicar o praso dentro do qual o paciente deverá partir.

Art. 6.º Quando não fôr permittido ao paciente aguardar solto o dia da partida, o governo convidará o agente consular, na falta de procurador nomeado, a arrecadar-lhe os bens, procedendo-se, no caso de recusa, á arrecadação judicial pelo juizo Federal, garantindo sempre o direito pleno e absoluto de defender e liquidar sua fortuna, bens e interesses.

Art. 7.º O paciente designará o logar para onde deverá retirar-se e será tratado segundo a situação particular de sua vida.

Art. 8.º O paciente tem o direito de reclamar perante o Juizo Federal da Republica, para provar tão sómente que é cidadão brazileiro.

§ 1.º A reclamação não suspenderá a execução da expulsão, e quando procedente, sujeitará a União á indemnisação de perdas e damnos.

§ 2.º O tribunal a que recorrer o paciente não se pronunciará sobre a legalidade da expulsão, nem sobre as circumstancias que levaram o governo a julgal-a necessaria.

Art. 9.º O governo poderá commutar em prisão a expulsão emquanto durar o estado de sitio ou revogal-a.

Art. 10.º Não poderá ser expulso, ficando em tudo equiparado ao nacional o estrangeiro:

a) casado com mulher brazileira;

b) o viuvo com filhos brazileiros;

c) o que possuir bens immoveis na União.

Art. 11.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

Capital Federal, 13 de outubro de 1893. Quinto da Republica—*Floriano Peixoto*—*Fernando Lobo.*

Depois d'isto, a forca, e a republica—o grande e apregoado principio de liberdade—terá feito o seu triumpho. Bellissimo systema, não ha duvida.

Commissão Districtal

SESSÃO DE 2 DE NOVEMBRO DE 1893

Presidencia do ex.mo vice-presidente, sr. Ladeira de Castro. Presentes os vogaes srs. José Pereira Junior e o vice-secretario, João Bernardo Ribeiro Junior; faltando por motivo justificado o ex.mo presidente, sr. conselheiro Manuel Firmino, e não compareceu o secretario, sr. dr. Marques Mano.

Deliberou officiar á camara municipal d'Ovar declarando-lhe que a sua deliberação de 3 de outubro ultimo é illegal, porque a approvação dos orçamentos parochiaes pertence a esta Commissão, nos termos dos artigos 24 e 25 do decreto de 6 d'agosto de 1892.

Approvou uma representação da junta de parochia de Milheirós de Poiares, do concelho da Feira, em que pedia para lhe ser approvada a verba n.º 5 do seu orçamento para reparos a fazer na casa da residencia.

Respondeu ao officio da camara municipal d'Ovar, de 27 de outubro ultimo, sobre taxas para sepulturas; visto não ter dado entrada n'esta repartição o parecer dos 40 maiores contribuintes.

Respondeu ao officio da mesma camara, sob o n.º 168 de 27 do mesmo mez, em que pede para desviar da verba de viação, uma quantia para reparos e conservação das estradas districtaes que lhe foram entregues por Portaria do Governo.

Foi distribuida ao vogal, sr. Ladeira de Castro, a conta da junta de parochia de S. Lourenço do Bairro, concelho d'Anadia, relativa ao anno de 1892.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

E' ainda a questão de Hespanha com os riffenos a que mais preoccupa a attenção publica. O que d'alli se sabe é, que as armas hespanholas já conseguiram bater os mouros, tirando desforra da morte do general Margallo.

O governo hespanhol continua a mandar reforços para Mellila e dentro de pouco terá alli um exercito capaz de bater todas as forças do imperio de Marrocos. E precisa-o. A guerra, pois, não terá de ser só contra os riffenos, irá mais longe—irá a Tanger e a Marrocos mesmo. A Hespanha tem as sympathias geraes da Europa e terá os esforços, se for preciso, de todos os paizes cultos.

Do Rio de Janeiro nada de resolvente. E' para muitos de fé que dentro de pouco a bandeira ao pronunciamento appparecerá mais clara, que ella será a da restauração do imperio, e é isso o que desejam todas as nações cultas e a grande maioria dos brazileiros.

CARTA DE LISBOA

3 DE NOVEMBRO DE 1893.

O artigo de hontem publicado como segundo no *Universal*, artigo que tem por epigraphe—Ao *Primeiro de Janeiro*—parece já um artigo de *acalmação*. Vê-se por alli que o sr. Julio de Vilhena voltou á sua antiga subjeição partidaria. O illustre homem publico não é já um dissidente regenerador, é antes um auxiliar adstricto á grey, muito arrependido decerto, pelo que se vê, de ter ido tão longe nas suas demonstrações de desagrado com os seus correligionarios. Se continuar assim, a dissidencia transforma-se, dentro de pouco, na mais plena conformidade de ideias. O artigo a que me venho referindo é significativo.

— Ainda se falla em dissolução e agora mais do que nunca. Manter discussão n'este ponto, parece-me ocioso. Pode a curiosidade e a falta de assumpto mais importante levar á imprensa indigena versões d'esta ordem:—pode, mas que esta não tem fundo de verdade, é fóra de duvida. Dissolver, com que direito? Se o Soberano, nas actuaes condições de paz, deferisse a semelhante pedido, quando lh'o fizessem, teria lançado a luva ao paiz, provando que o imperante se não regula pelo melhor criterio politico, e isso não faria honra ao bom senso que deve presidir aos destinos da patria.

— O sr. conselheiro Mathias de Carvalho ainda não partiu para o estrangeiro. Parece que o illustre diplomata voltará para Roma, onde os seus meritos o tornam muito desejado.

— Já aqui se acham os srs. Francisco e Fernando de Castro, zelosos e intelligentes agentes do ministerio publico em Lisboa.

— O nosso estimado amigo, sr. Francisco d'Almeida e Brito, está melhor, e a medicina espera conseguir que se restabeleça por completo dentro de pouco tempo. Permitta Deus que assim succeda, como tanto desejam os seus numerosos amigos.

— O sr. Francisco de Paula Azevedo Borges, administrador do concelho d'Ourique, pediu a sua exoneração.

— Falleceu emfim o sr. Fernando Pinto de Sousa Coutinho, filho do sr. visconde de Balsemão e neto da muito respeitavel Senhora Marqueza de Penalva. Soffreu muito o illustre moço—soffreu e fez soffrer e deixa agora em plena dôr seus illustres paes e avó. E' golpe sobre golpe. Ainda ha pouco morreu o sr. Marquez de Penalva, e já agora o neto! A tão distincta e tão virtuosa familia acompanho na sua dôr.

— O sr. Bento José Pinto da Motta, que está juiz na relação dos Açores e que foi alli governador civil no consulado do sr. Dias Ferreira, vae ser transferido para uma das relações do continente—para o Porto, com certeza.

— Verificou-se hoje a assignatura real, a que não foi nenhum assumpto importante, segundo se affirma.

— O sr. ministro da guerra ordenou que a commissão de remonta compre na proxima feira da Gollegã até 120 cavallos, os que se offerecerem á venda em boas condições de servirem.

—Reuniu hontem sob a presidencia do sr. ministro da marinha, o jury encarregado da classificação dos candidatos a delegados do procurador da coroa e fazenda no ultramar. O jury era composto dos srs. Antonio Candido, Luiz Bivar, Adelino de Sá, Luciano Monteiro e João de Souza Queiroga. A classificação dos candidatos foi a seguinte:

2 M B e 3 B.—Antonio Maria Pinheiro Torres e Domingos de Souza Junior.

1 M B e 4 B—Antenio A. de Almeida Arez, Antonio de Campos e Antonio de Freitas Ribeiro.

5 B—Affonso Brandão de Almeida e Vasconcellos, Agostinho da Piedade dos Santos Vaz, Antonio Pereira Reis, Camillo d'Almeida e Pessanha, Carlos Alfredo Corte Real, Christovão Augusto da Silva Mendes Leite, Ernesto Leite de Vasconcellos, Horacio Affonso da Silva Poiares, José Alferedo Rodrigues, José Carlos de Castro Corte Real Machado, José Maria de Braga Azevedo, D. Luiz de Souza *Holstein e Manuel Maria de França.*

— A experiencia official definitivu do submarino *Fontes* realisou-se no dia 31, ás 2 horas da tarde, e não á hora escolhida pela commissão, por não haver ainda agua bastante para o barco mergulhar. As experiencias versaram sobre visão, unicamente. Por parte da commissão foi dispensada a submersão profunda, que parece estar já claramente demonstrada aos poderes officiaes. A's 2 horas e 24 fechou-se a cupula, descendo o barco vagarosamente, mas ininterruptamente, até cobrir o costado com 1m,15 de agua. O tenente Fontes communicou então pelo telephone que estava vendo a ponte dos vapores Burnay, o embarque e o desembarque dos passageiros por ella, o forte d'Almada, e parte da margem correspondente. Foi esta a primeira vez que o submarino mergulhou no seio de uma corrente, á qual resistiu, mantendo a estabilidade. Isto foi notado pelo tenente Fontes á commissão, á qual pediu licença para fazer mais demorada experiencia. A commissão recusou, por não ser preciso. A commissão retirou-se satisfeita ás 3 horas e meia da tarde, dando as experiencias por findas, e convidando o inventor a comparecer ante ella na proxima segunda-feira na secretaria do conselho do Almirantado. Embora não saiba officialmente o parecer da commissão, julgo não errar felicitando o inventor pelo optimo resultado das suas tão profiouas experiencias.

— A situação do Banco de Portugal, em 25 d'outubro, era assim: Contractos especiaes com o Estado e suas dependencias, 22.193:576$648; thesouro publico, contas correntes, ordinaria e supplementar 13.107:239$894. Em caixa — Oiro, 2.236:351$305; prata, 5:464:067$550; cobre, 507:958$755. Total, 8.208:377$610. Notas em circulação: Oiro e prata, 51.934:851$750 reis; cobre, 11.020$000 réis. Total, 51.945:871$750 réis.

— A deputação do partido legitimista, que vae assistir ao casamento de D. Miguel de Bragança, com a princeza Maria Thereza Lavenstein, compõe-se dos srs. duque de Cadaval, D. João de Lencastre, Antonio Vieira Tovar de Magalhães e Albuquerque, padre Reis, D. João de Almeida (Lavradio) e um redactor da *Nação*. O sr. D. João de Lencastre parte de Lisboa ámanhã e é portador de um precioso brinde, um objecto de arte em prata massiça, do tempo de D. João V. O casamento realisa-se a 8 do corrente no castello Eubach, situado entre Mainz e Francfort.

— E' no dia 15 do corrente que deve ter logar o julgamento do carpinteiro João Antonio Lobo, auctor dos crimes de assassinio, roubo e fogo posto, de que foi victima o dr. Manuel José da Silva, na sua casa de residencia na rua de Sant'Anna á Lapa. A audiencia realisa-se nas salas do tribunal do 4.º districto, sob a presidencia do sr. conselheiro Costa Ventura, sendo a accusação representada pelos srs. drs. Graça Affreixo e Domingos Pinto Coelho, e a defeza pelo sr. dr. Francisco Ignacio Tavares. Como se sabe, a sr.ª viscondessa de Arneiro, irmã do assassinado, é parte accusadora no processo.

— A folha official poblicou hontem as sentenças do tribunal do commercio de Lisboa, declarando em estado de quebra o sr. Narciso Vieira Borges, com mercearia na rua da Atalaya n.os 132 a 136 e Augusto da Silva Lemos, com mercearia na rua da infanuia n.os 10 e 10-A.

— Foi exonerado de delegado do thesouro no districto de Bragança o sr. José Coelho d'Andrade Santos,

— Um telegramma de Lagos, chegado n'este momento, diz terem fechado alli as fabricas de conservas por falta de sardinha, sendo por isso afflictiva a situação tanto dos pescadores como a dos operarios que se occupavam na preparação do genero.

Y.

—

A' ultima hora.—Houve hoje conselho de ministros. Affirma-se que se não tratou alli da questão da dissolução, mas de outros assumptos de somenos importancia politica. Se o governo persistir na ideia da dissolução, como o affirmam os seus orgãos, os partidos politicos, que até agora tão benevolentes tem sido com o gabinete, tomarão o seu logar e saberão responder á aggressão, pois que outra cousa não significa a tentativa de que se faz gala. O facto, a realisar-se, dir-nos-ha que os poderes superiores do Estado não vêem bem a crise em que vão collocar o paiz.

— Foram hoje assignados despachos de provimentos de egrejas, que serão publicados no *Diario* de segunda-feira.

— O juiz de Quelimane encarregou o sr. dr. Barbosa de Magalhães de entregar, como já entregou, ao ministerio da marinha, a quantia de réis 1:674$520, producto liquido do espolio do infeliz Manuel Barba de Menezes, fallecido na Zambezia.

—O supremo tribunal administrativo teve hoje sessão. As suas resoluções foram: Rejeitado o recurso da camara de Vianna do Castello, recorridos Manuel Fernandes Lopes e outros emprezarios de açougues; e o da junta de parochia de *Valbom, Gondomar*, recorrida a junta das congruas do mesmo concelho. Negado provimento ao recurso de Antonio Maria Homem da Silveira Sampaio e Mello, recorrida a camara de Ponte da Barca; ao recurso do escrivão de fazenda de Sabrosa, recorrida a junta fiscal das matrizes; ao do delegado de Lamego, recorrido Antonio Monteiro da Fillipa, do concelho de Tarouca; e ao do escrivão de fazenda de Pinhel, recorrido José Venancio.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Regressou definitivamente á sua diocese, e virtuoso sr. bispo de Vizeu.

— Regressou na passada quarta-feira á sua casa da capital, o nosso querido amigo e illustre deputado da nação, sr. dr. Barbosa de Magalhães.

— Já regressaram de Lisboa o nosso illustrado amigo e apreciavel escriptor, sr. Carlos de Faria.

— Estiveram hontem em Aveiro, o ex.mo sr. Bispo Conde, venerando prelado d'esta diocese, e o sr. José Frederico Laranjo, illustre lente da Universidade e distincto parlamentar. Ss. ex.as seguiram no comboyo da tarde para Mogofores, e d'alli para Anadia.

— Tambem aqui se acham de visita ás ex.mas sobrinhas do sr. Bispo Conde, as illustres viuva e filha do nosso malogrado amigo, dr. Fernando de Mello, de Coimbra.

— Regressou da sua importante quiuta da Caneira á sua residencia effectiva de Villa Nova de Gaia, o sr. commendador Antonio Velloso da Cruz, um dos cavalheiros mais distinctos do districto do Porto.

— Tambem regressou á sua casa de Varzea de Goes o sr. commendador Joaquim Marques M. Bastos, que durante a epoca balnear esteve na praia da Figueira. Que tão distincto cavalheiro chegasse á sua casa de perfeita saude, é o que muito estimamos.

Estada. — Está actualmente dentro do districto d'Aveiro um dos homens mais distinctos da velha politica portugueza—da velha politica, dizemos—das antigas phalanges historicas, da agrupação politica do duque de Loulé, do marquez de Sá, de José da Costa Sousa Pinto Basto, de Julio Gomes da Silva Sanches, de Antonio Alves Martins e outros d'este estofo. Está dentro do districto, em Anadia, e é alli hospede do sr. José Caetano Rebello, casado com sua sobrinha a ex.ma filha de seu nunca esquecido irmão o sr. Adriano Pequito. O cavalheiro a que nos estamos referindo é o sr. Antonio Pequito Seixas d'Andrade, antigo deputado pelo Gavião, antigo ministro das justiças—um caracter sublime, um portuguez de lei. S. ex.ª veio estar alguns dias em Famalicão em companhia de seus sobrinhos, mas regressa dentro de poucos dias á sua casa de Gavião. Que regresse de perfeita saude, é o que muito estimam os seus antigos amigos, velhos companheiros de crenças e de luctas—de crenças e de luctas, que não esquecem com o decorrer do tempo.

Escola Industrial. — Consta que está para breve a abertura da escola industrial d'Aveiro, que será installada na *Secção Barbosa de Magalhães* do Azylo-Escola Districtal.

Sorteio.—Na sala das sessões da camara municipal, procedeu-se na quinta-feira ultima, ao sorteio dos mancebos recenseados para o serviço do exercito e armada do corrente anno. Ao acto, que correu regularissimamente, presidiu o sr. presidente da camara, assistindo o sr. administrador do concelho e toda a commissão do recrutamento.

Incendio.—Pelas 11 e meia horas da noite de quarta-feira ultima, manifestou-se um violento incendio na casa de habitação do sr. Manuel da Rosa, á Praça do Peixe, d'esta cidade, acudindo immediatamente a benemerita companhia dos bombeiros voluntarios, que prestou relevantes serviços, mas que não conseguiu já salvar o predio incendiado, pois quando se deu pelo sinistro já grande parte da casa ardia em chammas. Trabalhou, porém, denodadamente na sua localisação, e foi graças aos seus esforços que o fogo não proseguiu pelos predios visinhos.

N'este incendio ha a registar a grande falta de auxilios publicos á benemerita companhia, porque dos centenares de individuos que alli compareceram, muito poucos se prestaram a ajudal-a. Muito censuravel por isso, foi toda essa gente, em quem nem o estimulo conseguiu arrancar áquella inutilidade criminosa. A falta de agua, foi tambem notada. Torna-se cada vez mais necessario, que a camara promova, no interesse geral, o abastecimento d'aguas na cidade.

A casa estava segura, mas os prejuizos dos moradores foram avultados. Um piquete da companhia dos bombeiros, esteve a trabalhar no rescaldo até ás 6 horas da tarde do dia immediato, voltando alli pelas 8 horas e terminando-o completamente pelas 10 da noite.

A casa era habitada pelo sr. Manuel da Rosa, mas o proprietario do predio é o sr. José Joaquim d'Oliveira.

Outro.—Um foguete lançado sem intensão criminosa, um mero acaso, produziu o incendio de 8 medas de palha, que o sr. vigario d'Arada tinha para uso do seu gado durante o inverno. O facto deu-se ás duas horas da tarde do dia 2. Parece que um mancebo da freguezia, a quem no sorteamento que se verificou n'aquelle dia sahira um numero alto, muito satisfeito por isso, ia lançando foguetes pelo caminho. Um d'elles que na descida cahiu sobre uma das medas, produziu o incendio de todas. As forragens que o sr. vigario d'Arada, reservava para o inverno, tinham um valor superior a 18 libras.

Diversão.—A'manhã, se o tempo o permittir, tocará no Passeio Publico, da 1 hora as 3 da tarde, a fanfarra do Azylo Escola Districtal, a qual executará o seguinte programma:

1.º Passo doble, *Giovanna del Arco*; 2.º walse *Le Premier*, Baiser, Gorges Lammote; 3.º Scena e aria de tenor do 2.º acto da opera *Traviata*; 4.º coro e aria *Nel Opera*, J. Masnadieri; 5.º Schotis do café concerto de Lisboa; 6.º Quadrilha de walses, por A. J. Braga; 7.º Variações de bombardino, por Joaquim Maria Sampaio; 8.º Passo doble militar.

As tarifas do caminho de ferro.—Precisam de ser reformadas algumas tarifas, principalmente as do sal, para facilitar a exportação d'este genero para a Hespanha. Sabemos que alguns proprietarios de marinhas tencionavam reunir-se para pedir esse beneficio, mas lemos hontem n'um nosso presado collega, que a companhia trabalha já n'esse sentido, no que tem muito a lucrar, pois deve elevar-se a muito mais o movimento de sahida do genero.

Os redentes.—Desenvolve-se uma grande actividade nos trabalhos de reconstrucção dos redentes ou pégões de S. Jacintho, o que de certo ha-de melhorar muito o estado da barra. Era uma obra de urgencia, pois ha cerca de 30 annos que alli se não faziam reparações. Os trabalhos são dirigidos pelo habil engenheiro, director dos serviços da barra, sr. José Maria de Mello de Mattos.

A «Zephyr».—Entrou a nossa barra ha dias a chalupa de recreio *Zephyr*, propriedade do nosso amigo, sr. David José de Pinho, commerciante do Porto, socio da firma Albino José Pereira Soares & C.ª. O barco, que é lindissimo, como já tivemos occasião de dizer, deverá estacionar aqui emquanto permanecerem a esposa e familia do sr. David de Pinho, na sua casa da Praia do Pharol, onde tencionam demorar-se até meiados de novembro corrente.

O «Liberal».—Tambem ha dias tornou a entrar o nosso porto o rebocador *Liberal*, que veiu expressamente para auxiliar a sahida dos navios que se achavam ancorados aqui.

E' de grande utilidade a estada de um rebocador em Aveiro, e o governo prestaria um relevante serviço ao commercio e á navegação se auxiliasse uma empreza d'estas para aqui ter constantemente um vapor destinado aos reboques dos navios surtos aqui.

Julgamento.—Foi hontem julgado, em audiencia geral, Manuel Fernandes Fura, o *Carapanto*, d'Eixo, sendo accusado de 3 furtos. O jury, deu os crimes por provados, por unanimidade, pelo que foi o reu condemnado em 5 annos e 4 mezes de prisão penitenciaria, ou na alternativa de 8 annos de degredo em Africa.

Agressão. — Como já em tempos se referiu n'este jornal, ha na rua de Anselmo Braamcamp, um mentecapto, que embirra muito, que o mandem *para o caixão*. Succedia, porém, que um latoeiro, seu visinho, se entretinha habitualmente em o provocar com aquelle embirrento estribilho. Hontem aquelle, apanhando o seu *cabrion* a geito, atirou-lhe da janella com um projectil qualquer, que lhe partiu a cabeça de tal modo, que é grave o seu estado. Sirva-lhe o caso de escarmento para não tornar a divertir-se com... doidos!

Desastre.—Ha dias noticiáram os jornaes, que uma mulher cahira d'uma carruagem á linha, entre esta cidade e as Quintãs. E' certo, que foi encontrada molestada a creada do chefe da estação de Santa Combadão, a quem succedera o desastre, mas que foi tão feliz, que não se despedaçou, em consequencia da queda ter sido amortecida no estribo. Esteve alguns dias em Arada, onde foi tratada, seguindo depois para o seu destino. Nos comboyos deve haver muita fiscalisação, no abrir e fechar das portas dos wagons, para evitar desastres.

Trabalho de pesca.—Continua a ser de resultado negativo, o trabalho de pesca. O mar, quando não é bravo, o que poucas vezes succede na temporada que vamos atravessando, nega-se a produzir. Ante-hontem uma das companhas que pesca em S. Jacintho, foi ao mar das outras mais 25 cordas, que são mais quasi um kilometro de extensão, e succedeu-lhe como ás outras—trouxe á terra, um pouco de chicharriuho quasi microscopico e umas poucas de canastras de caranguejo. E corre assim este anno a temporada das pescas nas costas do nosso litoral. E não é só aqui que o facto se dá. Nem no Algarve, nem em Lisboa apparece sardinha. Os tarrafeiros, que d'aqui foram para o Tejo, tambem alli a não encontram por mais longe que vão, mar fora.

E' muito singular o successo que se está dando. Parece que as pescas se affastaram muito da terra, que se emararam muito, pois que as redes são lançadas a 4 kilometros de distancia, e nem assim se encontram. O que está succedendo é uma verdadeira calamidade.

Hydrophobia. — Partiu na quarta-feira ultima para Lisboa, onde vae receber curativo no Instituto batereologico, um rapazito da Vista-Alegre, que alli foi ha dias mordido por um cão damnado.

Anniversario funebre—Fez no dia 1.º do corrente 136 annos que a cidade de Lisboa foi subvertida por um violento terramoto que arrazou bairros inteiros, derrubando grande numero de casas, em cujos escombros ficaram sepultados milhares de habitantes. Depois d'esta monumental catastrophe que lançou n'um louco terror os sobreviventes, surgiu como consequencia d'ella, um grande incendio, em que morreram ainda algumas pessoas. O terramote deu-se de manhã, á hora em que em todas as habitações se tinha feito o lume, e d'ahi o medonho incendio inevitavel. Uma das partes da cidade de Lisboa onde o cataclismo se fez sentir mais, foi a Baixa, que ficou convertida n'um monte de ruinas, semeado de cadaveres. Foi n'esta conjunctura que o marquez de Pombal desenvolveu uma actividade e uma energia incomparaveis. No estado de desolação em que Lisboa se encontrava, o celebre estadista tratou rapidamente de proceder ao salvamento dos que se achavam ainda com vida nas ruinas, de curar os feridos, de recolher os que estavam sem habitação, de restituir a seus donos os objectos que eram apanhados nos escombros, e principalmente de punir, por processos sumarissimos e com todo o rigor, os ladrões que se aproveitavam da desanimação geral para se locupletarem. As providencias do marquez de Pombal estenderam-se a outras terras do paiz, tambem flageladas pelo terramoto.

Infelismente que já não temos estadistas d'este tomo. Depois d'elle só o barão da Ribeira de Sabrosa se nos apresenta á vista como um grande vulto politico.

Breve do Papa.—O pontifice Leão XIII acaba de enviar um breve ao sr. arcebispo de Braga, agradecendo a declaração do clero bracarense assignada por muitos conegos, arciprestes, parochos e simples padres. N'esse documento o referido clero diz submetter-se a tudo quanto fôr emanado da curia romana e manifesta fidelidade eximia e summo respeito ao venerando chefe da christandade. O Papa quer que todo o clero e todos os catholicos de Portugal se unam em espirito e coração para melhor servirem a religião e a patria, e alenta-o segura confiança, diz Sua Santidade, de que a piedade e o zelo dos signatarios d'aquelle documento hão-de conseguir animar muitos outros successivamente a imital-os. Leão XIII, termina pondo em relevo o zelo apostolico do prelado d'esta diocese e dando a benção papal ao rebanho confiado á sua guarda.

Um criminoso confesso, descobrimento casual.—A policia do Porto apanhou alli o creado de padeiro João Rodrigues, que se diz d'Aveiro que estava com uma soffrivel borracheira. Este homem quando estava no tribunal esperando que o interrogassem, ainda sob a influencia da embriaguez, descahiu-se a contar as suas façanhas passadas a um individuo que encontrou á mão para o cavaco. Então o Rodrigues disse, que fugira, em setembro, de Lisboa, onde tomára parte n'um grave acontecimento que se deu na rua Augusta, d'envolta com o conhecido gatuno *Ilheu* e outros da mesma laia, e que n'essa desordem vibrára umas poucas de navalhadas contra um cortador que foi recolhido em mau estado no hospital de S. José. Mal sabia, porém, o tal Rodrigues que estava fazendo as suas confidencias a um agente da judiciaria. Rodrigues foi remettido para Lisboa, para dar conta dos seus actos.

Um assassino precoce.—Foi julgado no Porto, o rapaz de 11 annos, que ha tempos assassinára, em Ramalde, uma menina de 3 annos, para lhe roubar os brinços que ella levava. O rapazelho apresentou-se no tribunal, fazendo ostentações d'uma serenidade que revolta em qualquer criminoso adulto, e muito mais n'um rapaz d'aquella idade. Um cynismo espantoso! A defeza, a cargo do sr. Ernesto de Vasconcellos, que fez a sua estreia como advogado, foi brilhantemente sustentada, e deu em resultado a absolvição do réo. O moço advogado fez um discurso primoroso em que conseguiu com rara habilidade, convencer o tribunal da irresponsabilidade do réo, attribuindo á sociedade a culpa d'estas miserias humanas. Emfim, quanto o advogado mostrou em eloquencia e talento, patenteou-o o tribunal em sensibilidade nephelibatica absolvendo um criminoso da peior especie que revela, em tão tenra idade, uns instinctos mais que preversos. O pequeno assassino foi internado na officina de S. José, onde certamente não conseguirão modificar-lhe a sua má conducta.

«A Ordem».—Este estimadissimo collega, estimado tambem pela cordura das suas opiniões, entrou no decimo anno da sua publicação, pelo que cordealmente o felicitamos.

Legados importantes.—Falleceu ha dias um capitalista, cuja fortuna é calculada em alguns centenares de contos de reis. O fallecido foi o sr. Antonio Augusto Coelho de Lemos. As principaes disposições do seu testamento legam: A' egreja de Sinfães, oito contos (que serão entregues quando o cambio do Brazil estiver ao par), para concertos na egreja, devendo os juros ser accumulados no Banco Commercio, do Rio de Janeiro; á mesma egreja, os seus retratos a oleo, para serem collocados na sachristia, como lembrança dos beneficios que fez á egreja; metade dos seus bens, a sua esposa; a Augusta Coelho de Souza, sessenta contos; a Carlota Augusta da Cunha, quinze; a Antonio Firmo Barbedo, quatro; ao filho de Antonio José Alves e ao seu procurador Alves Avellar, igual quantia, etc., etc.

Previsão do tempo.—Conforme Noherlesoom, a depressão dos primeiros dias da primeira quinzena de novembro apenas influirá no norte de Hespanha, havendo bom tempo nas outras regiões. Dos dias 4 a 8 haverá tempo humido e chuvoso com a temperatura quasi normal e vento sudoeste, especialmente no dia 5. Dos dias 9 a 15 o tempo apresentar-se-ha tempestuoso sendo de maior intensidade o dia 12 até ao fim da quinzena. No norte da Peninsula será maior a acção tempestuosa.

Demonstração honrosa.—Dizem em telegramma official de Lourenço Marques: «Causou grande commoção aqui a noticia da morte do marechal Mac-Mahon. O commercio nacional fechou as portas, tendo adherido todo o commercio estrangeiro. A camara celebrou uma sessão para exarar na acta um voto de sentimento. Vão celebrar-se exequias solemnes. N'esse dia, o vapor *Mac-Mahon*, embandeirará em serviço. O governador assistirá ás exequias com todos os funccionarios publicos.

Os bombeiros voluntarios de Coimbra.—Exercicio da Salvação Publica.—Realisou-se no domingo passado por 4 horas da tarde, na rua do Visconde da Luz, o exercicio que a Corporação de Bombeiros Voluntarios da Salvação Publica havia annunciado para solemnisar o seu 3.º anniversario. O incendio simulado n'um predio de 4 andares foi brilhantemente atacado; as manobras foram ordenadas e executadas com a maxima precisão e regularidade. O *salvado*, trabalho de risco e de muito perigo, em que os bombeiros que n'elle tomaram parte mostraram a sua valentia e coragem, foi coroado com grande salva de palmas de numerosa multidão que o presenciava. Finalmente, o exercicio mereceu o elogio dos entendedores. Foi offerecido ao commandante da corporação, sr. José Leopoldino, pelo sr. presidente, um alfinete de ouro, symbolisando o emblema de bombeiro. A' noite houve sessão solemne, em cujo acto foi inaugurado o retrato do sr. Jorge da Silveira Moraes, presidente d'aquella utilissima instituição. A casa do material, que esteve exposta ao publico, e a bibliotheca foram de noite visitadas por numerosa concorrencia de povo, achando-se elegantemente ornamentada. O sr. commendador Manuel Constantino da Veiga, visitando a sala da corporação, offereceu o donativo de 10$000 réis para augmento da sua bibliotheca. E' digno de todo o nosso louvor esta acção meritoria. N'esse dia subiram ao ar muitas girandolas de foguetes, e a philarmonica *Conimbricense*, abrilhantou esta festa com escolhidas peças do seu reportorio. Constanos que no dia 12 do corrente realisar-se-ha um outro exercicio pela mesma Corporação no Largo da Feira.

A segurança publica em Coimbra.—E' do *Conimbricense* a seguinte noticia:

«Temos mais actos de selvageria a registar. Em a noute de sexta-feira para sabbado um grupo de malevolos, que começam cedo a dar documentos do que hão de vir a ser, praticaram toda a qualidade de desaforos n'esta cidade. Um dos attentados foi arrancarem, com um alavancote, e despedaçarem, um marco que o sr. Luiz Ruivo de Figueiredo mandou ha um mez collocar na esquina do seu predio da rua da Sophia, onde está a pharmacia do sr. Aureliano José dos Santos Viegas. O emprego do alavancote foi do lado do becco, que segue para a rua Nova. Quem quizer, lá póde ver a destruição effectuada por aquella sucia de miseraveis. Isto e muito mais está sendo praticado nos sitios mais publicos de Coimbra, sem que haja quem contenha aquelle bando de desordeiros e os capture. Em Coimbra não ha segurança, e os cidadãos estão á mercê de quem quizer destruir a sua propriedade.

Das aggressões pessoaes já démos uma amostra; e ao menos já que os auctores d'estas indignas façanhas ficam impunes, na forma do costume, hão de ser conhecidos por todo o paiz os seus altos feitos.»

Peculio importante.—No logar de Fonte Arcada, freguezia do Souto, concelho dos Arcos de Val-de-Vez, falleceu, com 100 annos de idade, um dos primeiros lavradores d'aquelles sitios, Antonio da Cunha, deixando, além de muitos bens que possuia, a importante verba de 7:000$000 réis em dobrões, peças de 8$000 réis e cruzados novos. Os herdeiros são dois filhos e duas filhas; porém, um dos filhos, José da Cunha, sabendo onde o thesouro estava enterrado, foi ao local e abotoou-se com aquelles importantes valores. Os outros herdeiros, sabendo do roubo, deram parte á auctoridade, que vae proceder contra o irmão infiel.

O conflicto hispano-marroquino.—Transmittiu o telegrapho graves noticias ácerca do conflicto hispano-marroquino. Os jornaes de Madrid referem-se já ao combate travado entre as forças hespanholas e as hordas riffenas, mas os pormenores são escassos, porque, como se sabe, todos os telegrammas estão sujeitos á censura official. Por causa do incompleto das noticias, nos mercados, nas ruas, nas praças, em todos os grupos, diz a *Correspondencia de España*, acreditava-se a pés juntos em uma verdadeira derrota, em baixas numerosas, em regimentos destruidos, em generaes mortos. A parte official que o governo transmittiu á imprensa com relação ao combate do dia 27, diz o seguinte:

«Melilla 27.—A's 11 horas da manhã de hoje principiaram as obras de bateria e trincheiras em frente do forte de Camellos por uma companhia de sapadores, protegida pelas secções de atiradores Mauser, o batalhão de caçadores de Cuba e uma bateria de montanha. Uma segunda companhia de sapadores com alguns presidiarios trabalhava em um reducto, e outra companhia, coadjuvada por forças dos regimentos de Borbon e Estremadura e presidiarios, seguia a construcção da linha de trincheiras de Rostro Gordo e Cabrerizas Baixas. Cerca das 4 horas da tarde, o inimigo rompeu o fogo contra os nossos, desde as suas trincheiras em todo o contorno do nosso campo exterior. O general Margallo, estava em Camellos, o general Ortega, em Rostro Gordo. As forças do forte Camellos, conseguiram dominar o fogo do inimigo e retirar-se com ordem. Em Rostro Gordo, reuniu-se todo o regimento da Estremadura, do qual um batalhão, alojava-se no Polygono. Suspenso o fogo em Camellos, o general Margallo, ao regressar á praça, vendo que não se retiravam os nossos de Cabrerizas Altas e de Rostro Gordo, dirigiu-se para alli, afim de ordenar em pessoa, a retirada. O fogo cessara e o general Margallo, ficou em um dos fortes».

A respeito d'este combate, transmitte um correspondente o seguinte:

«Noticias directas de Melilla, confirmam em parte as officiaes. Como sobre os despachos de origem particular se exerce severa censura, é de presumir que se lhes tenha tirado o que de mais interessante encerravam. Desde que começaram as obras de fortificação entre Aguariach e Camellos, os mouros trataram de as interromper. A gritaria infernal que se ouvia no campo mouriscо, fazia presagiar um ataque sangrento. Ao principio os mouros apenas dirigiam insultos aos nossos soldados, depois romperam contra elles o fogo. Os atiradores Mauser, responderam de um modo admiravel. Depois, todos os fortes, começaram a vomitar metralha contra as trincheiros dos riffenos. O cruzador *Conde de Venadito*, abandonou immediatamente o fundeadouro e secundou o fogo dos fortes, invadindo com os seus canhões, as trincheiras da falda do monte e causando muitos destroços nas obras de fortificação dos mouros. Entretanto chegou a haver um momento de verdadeira anciedade. Um grupo numeroso de mouros, apesar do fogo do cruzador, correu para a praia, querendo d'este modo cortar a unica retirada dos atiradores armados com as espingardas Mauser. De bordo do cruzador comprehendeu-se a intenção dos mouros, e immediatamente foram descarregadas algumas granadas que produziram muitas baixas no inimigo. O grupo dissolveu-se como por encanto, e a mourisma que o formava fugiu perseguida sempre pelas bombas do *Conde de Venadito*. Por largo tempo continuaram os fortes a canhonear os mouros. A's 5 horas da tarde ignorava-se em Melilla, o numero de baixas soffridas pelas nossas tropas. Existe verdadeira anciedade, por se conhecer o resultado do combate. Correm boatos extraordinarios».

Como se vê, as noticias ainda não alcançam a morte do general Margallo, comtudo os jornaes noticiam já grande movimento de tropas, a partida do general Macias, para Melilla e dizem que o general Lopez Dominguez está preparando todos os elementos necessarios para ir tomar o supremo commando do exercito de operações.

—O effeito produzido em Madrid pelas noticias relativas aos combates de 27 e 28 e á morte do general Margallo mal se póde descrever. A excitação foi immensa; todas as conversações só tinham por thema aquelles acontecimentos. Aos centros officiaes convergira uma multidão enorme a fim de saber ou colher novas noticias. Nos cafés e nas ruas viam-se grupos que arrebatavam das mãos dos vendedores os jornaes, demonstraudo tudo que Madrid se achava em um verdadeiro estado fabril.

A *Correspondencia de España* diz que o combate do dia 27 foi um feito de armas brilhantissimo para as tropas hespanholas. Os riffenos atacavam sem fazer caso das balas nem da metralha, passando por cima dos seus mortos e feridos, a fim de poderem combater corpo a corpo com os hespanhoes. Todos os correspondentes são concordes em affirmar que o general Margallo se expóz temerariamente ás balas dos mouros, como que resolvido a fazer-se matar á frente de suas tropas. Asseveram tambem que a situação das forças hespanholas em frente ao forte de Cabrerizas chegou a ser desesperada. O numero de mouros que alli se reunira passava de 30:000. Estes chegaram a repellir as forças de infanteria, obrigando-as a retirar-se dentro dos fortes de Cabrerizas e de Restrogordo. Em todos os pontos de Hespanha se aprestam forças.

Em primeiro lugar teve ordem de embarque todo o resto do 2.º corpo do exercito do commando do general Chinchila. O batalhão de caçadores de Alba de Tarragona foi mandado marchar para Saragoça, prompto a embarcar. Em Sevilha estão promptas a embarcar duas companhias de sapadores mineiros. De Madrid foi mandada marchar uma brigada. O primeiro regimento que embarcou foi o das Canarias. O povo fez-lhe uma ovação enthusiastica. O segundo regimento que teve ordem de marchar foi o de Wad Rids. Nos quarteis, officiaes e soldados receberam a ordem de partir para a campanha no meio do maior enthusiasmo.

Houve scenas extraordinarias de affecto e patriotismo quando as tropas sahiram para o caminho de ferro. Partiram tambem para Malaga os regimentos de infanteria de Saboia e S. Fernando, que compõem a brigada do general Montero Hidalgo. Ao sahirem do quartel os dois regimentos ecoou um «Viva a Hespanha!» que foi enthusiasticamente correspondido. A multidão seguiu a tropa desde a rua da Atocha até á estação do Meio dia. Ao entrarem na *gare* os dous regimentos, o enthusiasmo tocou as raias do delirio. Os paizanos abraçavam os soldados, prognosticando-lhes uma proxima victoria. O general Bermudez Reina deu um viva á Hespanha e outro ao rei, e o comboyo partiu no meio dos accordos do hymno de *Cadiz* e das acclamações da multidão. Por muito tempo toda aquella gente agitou os lenços, até que o comboyo desappareceu. Quanto ás manifestações que se deram em Madrid e a que o telegrapho se referiu, dão os jornaes hespanhoes os seguintes pormenores:

Os manifestantes seriam uns 8:000 e intercalladas entre os grupos iam trinta bandeiras hespanholas e outras brancas com inscripções: A Melilla! Mais tropas! Castigo aos mouros! etc. Após os manifestantes, ia o governador civil, seguido de vinte soldados a cavallo da guarda civil. Pelas ruas havia extraordinaria concorrencia. Os grupos dirigiram-se para a Puerta del Sol, cujas avenidas estavam occupadas militarmente. Nas ruas de Alcalá, Mayor, Arenal, Carmen e San Jeronimo, estavam postados soldados da guarda civil e forças de infanteria e cavallaria. Nos ministerios da guerra e do interior foram reforçadas as guardas. Os gritos succediam-se sem interrupção e houve alguns subversivos. Então o governador civil, dirigindo-se aos manifestantes, declarou-lhes que se aquelles gritos se repetissem, mandaria dissolver a manifestação pela força. Os manifestantes não recalcitraram e pouco depois começavam a dispersar, dividindo se em tres grupos.

O general Margallo.—O general Margallo que, morreu á frente das suas tropas, pertencia á arma de infanteria. Na sua carreira militar revelou-se sempre arrojado e valente. Nas luctas contra os carlistas distinguiu-se pelo denodo com que combateu os soldados do pretendente. Quando se deu o movimento cantonalista, Margallo foi um dos que mais energicamente se bateu, a fim de salvar a Hespanha da anarchia, mostrando-se valoroso até á temeridade. Os seus serviços foram recompensados com postos de accesso e outras distincções. O seu arrojo nunca desmentido mais uma vez se manifestou agora, pois para defender o posto que lhe fôra confiado, não duvidou expôr-se ás balas do inimigo, morrendo como valente soldado que era.

O general Martinez Campos.—Participou o telegrapho que é muito provavel que o general Martinez Campos seja nomeado para tomar o commando e o chefe do exercito hespanhol. Como é um dos officiaes generaes que goza de mais prestigio na Hespanha no presente momento a sua biographia não deixa de ter bastante interesse. Arsenio de Martinez Campos nasceu em 1834. Em 1859 sahiu da escola com a patente de alferes, indo fazer a campanha de Marrocos como ajudante do general O'Donnell, depois duque de Tetuan. Em 1864, quando foi para o exercito de Cuba, já era coronel, e de volta a Hespanha, em 1870, foi mandado combater a insurreição carlista no norte de Hespanha. Dada a abdicação de Amadeu, Martinez Campos conservou-se indifferente á nova ordem de cousas, pelo que os republicanos, julgaram opportuno collocal-o na disponibilidade. Tendo escripto ao general Zabala uma carta em que pedia para que, até como simples soldado, podésse voltar ao exercito para combater os carlistas, foi reintegrado nas suas funcções e mandado para o exercito do norte, onde commandou uma divisão. Depois passou a general de divisão e commandante do 3.º corpo, e, á frente d'este, illustrou se em successivos combates. Mais tarde, vendo o estado anarchico a que chegára o seu paiz, tornou-se um dos principaes caudilhos da restauração da monarchia, proclamando em Sagunto Affonso XII rei de Hespanha. O seu intento foi coroado do melhor exito, conseguindo pacificar o paiz e terminar a lucta com os carlistas. E' um official valente e verdadeiro patriota.

Intrepida heroina.—Com esta epigraphe publicou o *Correio da Beira*, jornal da Africa Oriental, a seguinte noticia: «Por carta de Sena, datada de 24 de agosto, sabemos que tinha alli chegado, havia alguns dias, a corajosa viajante austriaca mademoiselle Hiawiezek, que partiu do Cabo da Boa Esperança em novembro do anno findo, tendo sempre viajado a pé pelo sertão, até ao Zambeze, d'onde já seguiu, pela mesma fórma, com destino ao Cairo. Tencionando passar por Blantyre, Nyassa, Albert, Nianza, etc. Esta arrojada senhora faz se acompanhar, apenas, por dous pretos que lhe conduzem um pequeno sacco impermeavel com roupa, e um embrulho com duas latas de biscouto, uma lata de manteiga, dous kilg. de assucar e um pouco de chá. E' n'isto, e só n'isto, que consiste a sua bagagem e o seu rancho! Dorme quasi sempre no matto, afastada de povoações e ao ar livre, fazendo-se cercar de fogueiras que a protejam das feras. Como arma de defeza, possue sómente um pequeno rewolver de cinco tiros. A sua cama consiste em dous cobertores que estende no chão, sobre um pequeno panno impermeavel que faz parte da sua roupa.

Os dous pretos que a acompanharam até ao Sena eram da Gorogonsa, e foram alli rendidos por outros dous da Zambezia, que irão até Chilmo. Os funccionarios da Companhia, receberam tão extraordinaria creatura com a maior hospitalide, indo, depois, todos, acompanhal-a á outra margem do rio, onde o sr. commandante Luiz Ignacio, lhe offereceu um excellente almoço de despedida. Mademoiselle Hlawaczek recusou amavelmente, um escaler que se punha á sua disposição para a conduzir a Chiloma, declarando que a sua viagem tinha de ser feita por terra e partiu confessando se muito penhorada e encantadissima com a bizarria portugueza».

Deputados salteadores.—Na Grecia foi preso o deputado pelo distrito de Trikkal, um tal Takis, que fazia parte de uma quadrilha de salteadores, que infestava a Phessalia. Outras ordens de prisão foram lavradas contra mais alguns deputados da Thessalia pelos mesmos motivos. Como é natural, estas prisões produziram muita impressão.

Naufragio — 14 mortos.—Um telegramma de NewYork noticiou ha dias, sem promenores, o naufragio do *Ellen-Isabelle*, da praça de Bordeus, que levava a seu bordo uma tripulação de 17 homens, incluindo o capitão Lévêque. Hoje temos pormenores do sinistro, que se deu em tristissimas circumstancias. O *Ellen-Isabelle*, sahira no dia 25 de setembro de Mobile, com destino a Buenos-Ayres, com carregamento de madeira. A 7 de outubro, o navio foi assaltado por um fortissimo vendaval, durante o qual deu completamente á costa. Os homens da tripulação, incluindo o commandante, morreram afogados, com excepção de tres, de que se não sabem os nomes. E' um allemão, um sueco e um francez. Estes desgraçados, depois de passarem dois dias e tres noites na coberta do navio, completamente desarvorado, foram salvos pelo navio de vela norueguez *Arab*, onde foram recolhidos completamente extenuados pela fome e pela fadiga de tantas commoções. Um d'estes marinheiros estava gravemente ferido e teve de ser recolhido no hospital de Savannah, aonde o navio se dirigia.

Explosão n'uma fabrica de polvora.—Um telegrama de Bordeus noticia ter saltado ha dias um deposito da fabrica de polvora nacional de Saint Médard, produzindo uma medonha catastrophe. A explosão deu-se pelas cinco horas da tarde, quando um guarda de serviço, André Matua, antigo soldado condecorado, fazendo o serviço de ronda, passava em frente do armazem. O infeliz ficou feito em migalhas, sendo apenas encontrados pequenos destroços do cadaver. Em setembro de 1891 houve n'aquelle estabelecimento uma outra explosão. Esta porém, foi mais terrivel. Em toda a aldeia de Saint-Médard ficaram partidos os vidros das janellas e os tectos abalados. Tambem algumas portas ficaram partidas com a violencia da explosão. Na *gare* do caminho de ferro houve tambem importantes prejuizos. Em Talaunes, communa que fica a uns dez kilometros da fabrica, a violencia da explosão arrombou as portas do presbyterio. Em Santa Helena, a 13 kilometros de Saint Médard, um individuo que estava a tomar café no terrasso d'um *restaurant* foi arremessado do chão. Do edificio onde teve logar a catastrophe não resta cousa alguma: paredes, telhado, e tudo que continha foram arremessados a espantosa distancia, ficando apenas no local um enorme buraco em forma de funil. Todas as outras dependencias da fabrica ficaram sériamente abaladas.

A erupção do vesuvio.—Participou o telegrapho que se acha em erupção o Vesuvio, lançando pelas suas crateras grande quantidade de lava. A população de Napoles receia que os effeitos da erupção se façam sentir n'aquella cidade, apesar de se achar a duas leguas de distancia do vulcão. Muitas familias abandonaram Napoles.

EL-REI D. DINIZ

E' do nosso presado collega *Conimbricense* o seguinte artigo:

«Diz-se, mas sabemos que ainda não tem fundamento, que o sr. Bispo Conde trata de promover a trasladação dos restos mortaes de el rei D. Diniz, do extincto mosteiro de Odivellas, onde se acham, para o mosteiro de Santa Clara, onde estão os restos mortaes de sua esposa a rainha Santa Isabel.

Em todo o caso a cidade de Coimbra tem todos os motivos para dever ser grata á memoria do rei *lavrador*. E' á sua iniciativa que se deve a trasladação da Universidade, que fôra estabelecida em Lisboa, para esta cidade de Coimbra. A fim de effectuar essa mudança da Universidade para Coimbra, impetrou el-rei D. Diniz uma bulla do Papa, o que era indispensavel segundo as ideias d'aquelle tempo.

D. Diniz era levado a impetrar a mudança da Universidade para Coimbra, por ser aqui mais facil apasiguar as rixas dos estudantes com os habitantes da cidade; e por ser Coimbra terra central do reino, com muita amenidade no terreno e no clima, e abundancia de mantimentos. A esse respeito expediu o papa Clemente V duas bullas, ambas daradas de Pontieres, em França, aos 26 de fevereiro de 1308. Uma d'ellas veio commettida ao arcebispo de Braga, D. Martinho de Oliveira, e ao bispo de Coimbra, D. Estevão Annes Brochado, dando-lhes faculdade para, se lhes parecesse conveniente, transferirem para Coimbra o *Estudo geral de Lisboa, como lhe pedia el-rei D. Diniz na sua supplica, e com os mais privilegios que já tinha do papa Nicolau IV.*

Pela segunda bulla, dirigida a el-rei D. Diniz, concedia o Papa Clemente V a graça de se annexarem á Universidade seis egrejas do padroado real, para sustentação da Universidade e salarios de seus lentes e ministros. Effectivamente foi satisfeito o desejo de el-rei D. Diniz, vindo a Universidade para Coimbra; e esse rei tratou de enriquecer este estabelecimento de privilegios pela sua carta, escripta em latim, datada de Lisboa em 15 de fevereiro da era de 1347—que corresponde ao anno de 1309. Eram taes e tantos os privilegios concedidos por el-rei D. Diniz á Universidade e aos estudantes, que chegavam a ser excessivos, principalmente segundo as ideias actuaes.

Concedeu el-rei D. Diniz privilegio do foro judicial á Universidade de Coimbra; eleição dos reitores pelos estudantes; organisação de estatutos pelos proprios estudantes, ou por pessoa competente da sua confiança; e isenção de direitos de portagem. Deu providencias ácerca do aluguer das casas, e ao respeito para com as pessoas e moradas dos estudantes.

Faltava, porém, a D. Diniz, a par da obrigação imposta aos habitantes da cidade de respeitarem os estudantes, determinar que estes fossem obrigados a respeitar aquelles. Nessa excepção seguia D. Diniz os previlegios das classes elevadas, incompativeis hoje com os progressos da civilisação moderna.

Determinava mais el-rei D. Diniz que *houvesse dois homens bons da cidade de Coimbra a quem fosse conferido o cargo de conservador.* Nessa conformidade foram nomeados no anno de 1310 *conservadores da Universidade*, Jão Diniz e Martim Annes, aos quaes mandava D. Diniz que fizessem guardar os privilegios da mesma Universidade.

Por provisão de 16 de setembro de 1310 prohibia D. Diniz, sob pena de multa, receber portagem, ou consentir que outros a levassem, nem costumagem, pelos mantimentos que os mestres e escolares da Universidade levassem para seu sustento e da sua gente. Por provisão de 25 de maio de 1312 mandava ao alcaide e justiças, sob pena de prisão e multa, que fizessem tanger cada noite o sino grande da Sé tres vezes, segundo o geral costume do reino; e que o alcaide, se, depois que o terceiro sino fosse tangido, achasse algum estudande, ou homem seu, o prendesse e lhe tomasse as armas, e ao outro dia o entregasse ao seu juiz, sem carceragem. Por provisão da mesma data mandava que as justiças de Caimbra constrangesse os que tivessem pardieiros, ou casas derrubadas, da *Porta d'Almedina para cima*, que as fizessem para os estudantes terem pousada ou as vendessem a quem as fizesse, dentro de cinco mezes, e se não as fizessem, el-rei as mandaria fazer pelos bens d'elles. Egualmente por provisão da mesma data mandava ás justiças de Coimbra, sob pena de multa, que constrangessem os que tivessem casas para alugar em *Almedina*, que as alugassem aos estudantes, antes que a outrem; e que se alguns nisso fizessem engano, para que os estudantes não morassem nelle, lh'as tomassem, e as dessem aos estudantes, os quaes nesse anno não pagariam aluguer d'ellas. Estes e outros privilegios eram conformes aos que se seguiam nas aposentadorias dos magistrados, da familia real, e dos individuos da côrte. Eram costumes da época, que a civilisação actual não tolerava, mas que a pratica adoptava n'aquelles tempos. Semelhantes disposições, se por um lado nos apresentam um estado de cousas bem diverso do presente, confirmam o interesse que a Universidade de Coimbra inspirava a D. Diniz.

Suppõe-se que a Universidade de Coimbra, no tempo de el-rei D. Diniz, era no local onde depois foi edificado o collegio de S. Paulo, na rua Larga, e onde desde 1839 esteve o theatro Academico, achando-se agora reduzido a um largo, o espaço do edificio do theatro demolido. Depois da morte de el-rei D. Diniz foi a Universidade transferida para Lisboa, por seu filho D. Affonso IV, e o mesmo rei a fez voltar outra vez para Coimbra. El-rei D. Fernando a tornou a transferir para Lisboa. Alli esteve 160 annos, até que el-rei D. João III a transferiu definitivamente para Coimbra no anno de 1537.

Não se póde negar que ao estabelecimento da Universidade em Coimbra, por el-rei D. Diniz, se deve em grande parte a nova collocação da mesma Universidade em Coimbra no reinado de D. João III. E' claro, portanto, que além de outras razões, esta cidade tem obrigação de ser grata á memoria de el-rei D. Diniz.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

OS PARTIDOS POLITICOS EM PORTUGAL
1828-1830

I

(*Continuação*)

A este tempo já estava em Coimbra uma delegação da Junta, composta de tres membros, possuidos como os seus restantes collegas da irresolução e temidez que foi desde o começo

---

6

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO
NA TERRA E NO MAR

IV

A DESPEDIDA

Dizer o tempo que Marmontel e Anselmo permaneceram abraçados seria o mesmo que intentarmos calcular as horas de felicidade que disfrutâmos.

Tem horas a dôr, mas se a ventura as tivesse, essa mesma ventura seria uma desgraça interminavel.

Quando estaes n'uma diversão ou n'um espetaculo aggradavel, os que se aborrecem contam o tempo por minutos e costumam dizer-vos ao ouvido: «Que fastidioso é isto!» Em compensação os que se divertem abstraem-se no que vêem, inebriam-se com o que ouvem, riem-se com o que pensam, se por ventura pensar e divertir se são duas cousas compativeis, e só exclamam quando voltam ao estado normal da sua existencia: «Muito cedo acabou isto! julguei que duraria mais!» Não contaram o tempo.

Isto mesmo disse o velho commerciante ao desprender-se dos braços de Anselmo. Em seguida perguntou em breves palavras pelo navio, pela tripulação, pelo carregamento, e quando soube que tudo vinha no melhor estado possivel, voltou-se para John, que se conservava silencioso detraz d'elle, e disse-lhe em tom benevolo:

—Mister John, não quero espaçar o instante de o apresentar ao capitão do *Poderoso*.

Anselmo inclinou-se cortezmente, e Marmontel proseguiu:

—Com o tempo espero que virão a ser bons amigos. São rapazes, haveis, intelligentes e arrojados; taes qualidades, unidas ao fraternal conviver de dois capitães da mesma casa, são titulos mais que sufficientes para que se realise o meu prognostico.

Anselmo e John trocaram um sorriso, apertaram-se cordialmente as mãos e continuaram ouvindo Marmontel, que lhes dizia:

—Este senhor, meu querido Anselmo, é capitão de um velho bergantim chamado *Juan Lorenzo* e filho do antigo maritimo Thon Strey.

—Ah!— balbuciou Anselmo com surpreza.—Bastam esses precedentes para eu lhe offerecer amisade franca e verdadeira.

—Então conhecel-o?—perguntou o armador.

—Conheço. O *Juan Lorenzo*, foi commandado muitos annos pelo honrado capitão Leão Rogel, a quem hoje amo como se fôra meu pae. Rogel estima muito Thon, e seu filho que ha um anno o visitou n'um porto philippino.

—E' verdade—balbuciou John—conservo gratas lembranças d'esse valente marinheiro e da sua formosa filha Magdalena.

—Agrada-me bastante — accrescentou Marmontel—o vel-os unidos por tantos vinculos.

—Com o que folgo immensamente —disse Strey inclinando-se.

—N'esse caso,—replicou Anselmo dirigindo-se a John—permitte-me que principie a demonstrar-lhe a minha amisade participando-lhe a alegria da minha alma? E olhando para Marmontel continuou:

—Se o meu protector se não oppõe, John assistirá á nossa primeira conferencia. Temos muito que fallar.

O commerciante envolveu Anselmo n'um olhar carinhoso, e ordenou aos criados que o reconduzissem ao gabinete. Os mesmos que o tinham conduzido ao mirante levantaram a poltrona, desceram a escada, e collocaram-no de novo ante a meza do seu escriptorio. Depois sairam e fecharam a porta.

Anselmo e John, que tinham seguido o ancião, assentaram-se junto da banca, um de cada lado, e Marmontel disse ao primeiro com ar risonho:

—Bem vês, meu filho, que estou reduzido a um cadaver; aparalysia vae subindo pouco a pouco, e não tardará muito que me enervem as faces. Isto não é viver, mas quando penso em ti e no meu trabalho, e brilha uma manhã como esta, as lagrimas fortalecem-me e dou graças a Deus por não me privar da intelligencia necessaria para medir a immensidade da minha ventura.

Anselmo mostrou-se commovido.

—Oh! não te affliias por mim—proseguiu o velho.—Em meio da minha desgraça, conservo os dons mais preciosos que a Providencia concedeu ás suas creaturas. Posso trabalhar, pensar, e fazer bem aos que de mim necessitam. Com o trabalho accrescento a minha casa, encurto as horas, e alegro a consciencia; com o pensamento evoco todas as recordações agradaveis da minha vida e edentifico-me com a idéa da morte: com a beneficencia cumpro um dever de toda a alma christã, e recebo as bençãos de um povo agradecido e bom; e ainda digo que isto não é viver! Não faças caso... e fallemos de ti, da tua viagem, que fizeste em todo esse tempo de ausencia e do que tencionas fazer.

—Aqui está o meu diario,—disse Anselmo—que me dispensa de contar todas as occorrencias, permittindo-me referir desde já os acontecimentos que ha um anno a esta parte teem influido nas minhas aspirações.

—Dize—respondeu Marmontel.

Anselmo contou circumstanciada e lentamente a historia da sua união com Magdalena.

Ouvindo-a John tornou-se muito pallido e Marmontel sensibilisou-o.

O leitor deve lembrar-se que John tinha amado ou amava Magdalena. Este amor, exacerbado em principio pelo desprezo, atenuado depois pela esperança que a vaidade offerecia a este homem, adormecera-lhe no intimo d'alma como uma recordação. John pensava n'elle como se pensa nos gosos que podemos fruir. Cria que a formosa filha do capitão do *Juan Lorenzo* era um anjo que a fortuna lhe reservava. Mas quando ouviu dos labios de Anselmo a noticia do seu casamento, quando comprehendeu os invenciveis obstaculos que se opunham á realisação do que elle, em sua alta vaidade, antevira como realisado, perturbou-se como quem se sente a um tempo humilhar no amor proprio, na honra e no desejo. O golpe era de uma rudeza despedaçadora.

Ha homens que retrocedem perante *qualquer obstaculo; mas ha outros* para quem a difficuldade é incentivo poderoso. Succedia isto a John. A certeza de chegar a possuir Magdalena fizera do seu amor uma delicia. Agora, a impossibilidade de ser amado convertia aquelle amor em um inferno. A sua tenacidade indomavel levava-o a odiar eternamente o que se atrevesse a contrariar-lhe os designios; e como a tanto se aventurara Anselmo, inutil é dizer que o considerou desde então como o seu mais terrivel adversario e ao mesmo tempo o seu unico rival.

Parecia que a fatalidade se empenhava em collocar estes dois homens frente a frente. John premeditava, esperava, odiava; Anselmo fallava sem receio, sem suspeita, sem temor, porque não podia imaginar que John, a quem julgava bom, pundonoroso e honrado, fosse, através do falso sorriso um inimigo da sua fortuna e da mulher que tanto amava.

Anselmo era franco, como o é sempre a verdade, expansivo como o sentimento, affectuoso como a abnegação e a virtude; John era hypocrita como a covardia, retraido como o crime, rancoroso como a inveja, deshumano como a vingança. Bem comprehendeu as difficuldades da lucta; mas como todas as armas são boas para todos os homens, Strey escolheu a melhor, por ser a mais infame: a hypocrisia. Assim como os extremos se tocam, apesar de extremos, a hypocrisia é de todos os vicios o que mais se parece com a virtude. Esta parecença, cuja falsidade só o tempo faz conhecer, illudiu Anselmo, que acceitou como sinceros os parabens de John, e ouviu com orgulho a apologia que este fez de Magdalena a Marmontel.

O valente capitão do *Podesoso* não teve animo para turbar a alegria do ancião com a noticia da sua proxima ausencia, e limitou-se a referir as causas que o haviam obrigado a separar-se da esposa que tanto adorava.

John contou depois uma historia, que commoveu profundamente o armador. Anselmo sentiu pelo norte-americano uma invencivel sympathia; e como a sympatia gera a amisade, desde aquelle dia, John e Anselmo começaram a viver como dois companheiros de infancia. John adivinhava os pensamentos de Anselmo e realisava-os se podia, com o que retemperava a affeição do moço marinheiro, captando ao mesmo tempo a protecção de Marmontel. Era tanta a sua habilidade em fingir, tal o empenho em amoldar o seu caracter ao de Anselmo, que sendo cruel e vingativo como poucos, apparecia aos olhos d'este e aos do povo como um modêlo de generosidade e de nobreza.

Assim decorreu algum tempo, e este que tudo póde, fez que Anselmo amasse John como a um irmão.

Ao cahir da tarde, depois de passarem o dia com Marmontel, encaminhavam-se ambos de braço dado para a praia, tomavam um dos botes do *Poderoso*, que permanecia no ancoradouro, mettiam-se n'elle e iam contar um ao outro os seus pensamentos ao compasso melancolico das vagas, na solidão do mar. Anselmo enlevava-se como uma creança na contemplação d'aquella paizagem que lhe recordava os dias mais felizes da sua adolescencia, as noites mais serenas da sua juventude. Sentado na lancha, avistava o branco campanario da egreja da sua aldeia, e as casinhas espalhadas pela praia pareciam-lhe um bando de cisnes tinctos de rosea côr pela luz crepuscular. Aqui via-se um logarejo a sumir-se por entre a bruma da tarde; além o horisonte com as suas transparentes nuveus de ouro e nacar; mais longe o velame das embarcações similhando niveas gaivotas a banhar-se na espuma do mar; e por ultimo, um rochedo alto e formidavel, a cuja vista John nao poude deixar de perguntar no primeiro dia ao seu companheiro:

—Que elevação é aquella, Anselmo?

—O rochedo N., contra o qual se tem despedaçado bastantes embarcações. Strey voltou a cabeça, riu-se interiormente, e concebeu uma idéa diabolica e infame.

Aproximava-se o dia da partida do *Poderoso*. John começava a mostrar-se preocupado, porque não tinha ainda emprego certo na casa dos srs. G. H. Marmontel. Anselmo abraçou-o, e disse-lhe com fraternal affecto:

—Que tens, John? porque estás triste e não recorres á minha amizade?

Strey apertou-lhe as mãos commovido, e respondeu:

—E' facil advinhar o motivo da minha tristeza. Vaes embarcar no *Poderoso*... eu no navio que me destinem, e muito tempo decorrerá sem que nos vejamos de novo.

—Não te affliias por isso—replicou Anselmo—eu tambem não quero que nos separemos; chegue a estimar-te como a um irmão, e ha dias me opprime a idéa do apartamento. Se Marmontel consentisse em dar-te o commando do *Poderoso*, eu não teria duvida em embarcar comtigo exercendo o logar immediato. Bem conheces quanto vale este sacrificio, que por ti deixa de sêl-o.

John bateu na fronte, reflexionou um momento, depois de abraçar Anselmo, e respondeu:

—Pois bem; eu não quero exigir de ti um rasgo que, longe de realçar-te, te rebaixaria aos olhos da tripulação; mas pode-se fazer outra cousa: Marmontel ama-te como se fôras seu filho, e accederá facilmente aos teus rogos.

—Dir-lhe-hei o que quizeres.

—Pois dize-lhe que prefiro seu teu immediato no *Poderoso*, a navegar como capitão no *Tigre* no *Viscaya* ou no *Cervantes*.

—Direi—respondeu laconicamente Anselmo.

N'aquella mesma noite, John Strey recebeu a ordem desejada.

Tres dias depois, Anselmo entrou no gabinete de Marmontel para o abraçar e despedir-se d'elle. O velho armador, depois de certificar-se de não ser ouvido por Strey diriguiu ao seu protegido as seguintes palavras:

—Anselmo, tens muita confiança no teu amigo norte-americano John Strey?

Tanta como em mim proprio.

—Vaes, pois, resolvido a trazer Magdalena?

—E que hei de fazer, se longe d'ella não vivo?...

—Mas, se Leão ainda viver, não regressarás por em quanto com tua mulher?

—Assim lh'o prometti antes de vir, e assim o cumprirei, se o meu protector m'o permittir.

—Nada posso recusar-te, Anselmo; mas desejaria que voltasses, para que o *Podersso* não fizesse terceira viagem commandado por John.

—O meu pobre amigo ha de interessar-se pela casa tanto como eu, asseguro-lh'o, senhor.

A duvida parecia nublar a fronte do honrado commerciante.

—Tem sempre em consideração —acrescentou—que mais me importa o *Poderoso*, apesar de haver sido construido nos estaleiros de Inglaterra, do que o *Terrivel*, o *Tigre*, ou qualquer dos outros barcos que construí na minha mocidade e me deram fama de armador entre os homens do meu tempo.

—Bem sei.

—Então, nada mais te digo. Faze o que quizeres, mas regressa, por Deus antes de eu morrer, porque tenho de confiar-te cousas de interesse.

Marmontel despediu-se de Anselmo com os olhos arrazados de lagrimas, e quando depois de seis horas de meditação profunda, de dor infinita, de incerteza immensa, ouviu o tiro de saida que disparava o *Poderoso*, ergueu os olhos para o ceo, cruzou vagarosamente as mãos, e pronunciou com voz tremula e commovida:

—Quem sabe se nos tornaremos a ver!

(*Continua.*)

se apossou de todo aquelle governo. Aquella temidez convertendo-se em verdadeiro terror panico na madrugada de 27 ao espalhar-se o falto boato de que os miguelistas haviam atravessado o Mondego nas proximidades de Pereira, fez com que ella ordenasse precipitadamente a retirada do exercito para o Porto, o que desmoralisou immenso o exercito e fez desde logo um grave risco a causa constitucional A retirada assemelhou-se a uma desordenada fuga. Por inciativa expontanea do major de engenheiros Bernardo de Sá Nogueira o exercito constitucional fez alto junto do Vouga, proximo ao Marnel, onde no dia 28 se travou novo combate entre os dois exercitos. que agora como na Cruz dos Marouços se disseram ambas victoriosas tambem. O exercito constitucional que havia retirado precipitadamente de Coimbra sobre o Vouga, deixou do mesmo modo as posições que aqui occupára e valentemente defendera para retirar no dia 29 para Oliveira d'Azemeis d'onde seguiu para Grijó e quasi logo para as visinhanças do Porto. O desalento apossara-se dos soldados ao vêrem-se sem quem superiormente os commandasse e a confusão e o medo era cada vez maior no campo liberal. E em verdade não havia muita rasão para tudo isto, a Junta ainda dispunha de meios e tropas bastantes para se fazer forte dentro dos muros do Porto sustando assim a marcha da divisão de Povoas que avançava mas com certa cautella como desconfiando do terreno que presava. O que faltava, porém, á Junta era energia e sobretudo um general de prestigio que assumisse o commando supremo do exercito, pois o mau exito que estava tendo a revolução era em grande parte devido á imbecilidade do general Saraiva. Parte d'isto ia agora ser remediado; acabava de chegar um punhado de generaes, alguns dos quaes de reconhecido merito e provadas sympathias no exercito. Tem-se accusado a delegação da Junta de expedir uma portaria ordenando ao general Saraiva, quando este estava com a divisão constitucional em Condeixa, que não avançasse; o procedimento do mesmo general justifica plenamente tal documento, a Junta reconhecendo afinal que Saraiva era incapaz da empreza que o havia encarregado, mandou-o parar e quanto a nós fez bem.

No mesmo dia em que chegou ao Porto a noticia do exercito constitucional haver retirado de Coimbra desembarcaram em Mathosinhos, vindos de Inglaterra, alguns dos vultos mais notaveis do partido constitucional como eram Palmella, Saldanha, Villa Flor, Stubss, etc., e que tiveram na cidade para onde se dirigiram logo enthusiastica recepção. «Chegados á cidade, o terror que n'ella havia os contagiou de prompto. O marquez de Palmella foi collocado na presidencia da Junta provisoria, e general em chefe do exercito. O marquez, pretextando a necessidade de combinar algumas medidas, que convinha adoptar, mandou o conde da Taipa no dia 27 ao Vouga, mas elle desanimado pelo que tinha visto nas tropas, depois do combate do Marnel, voltou ao Porto, onde communicou ao marquez, e a todos os mais com que fallou, as tristes ideias de que vinha possuido, taes eram a de que tudo estava perdido.»

Apesar da divergencia que ha muito existia entre Saldanha e Palmella, pode-se mesmo dizer que cada um capitaneava o seu grupo no dia 30 de junho, este pediu áquelle que assumisse o commando do exercito porque com influencia que n'elle tinha talvez fosse ainda possivel recuperar o que já se havia perdido e salvar a causa que a ambos os havia trazido de Londres.

Saldanha eivado tambem já do medo que se havia appossado da maior parte dos membros da Junta recusou terminantemente acceitar tal commando não obstante confessar-lhe Palmella a sua incapacidade para dirigir operações militares e o conde de Villa Flor que serviria sob as suas ordens. A desmoralisação no exercito constitucional já a este tempo se principiava a fazer sentir, taes eram as successivas retiradas que ultimamente havia operado e as deserções para o exercito inimigo augmentavam de hora para hora. Os partidarios de Saldanha anhelavam pelo vêr com o commando do exercito, e n'este numero contavam alguns commandantes de corpos, mas tudo isto não o encorajou a assumil-o.

Para o partido constitucional as cousas iam de mal a peior. No dia 2 de julho realisou-se uma sessão da Junta a que assistiram todos os officiaes generaes que haviam vindo no Belfast e outras pessoas importantes do partido. Exposta a gravidade da situação pelo desembargador Manuel Antonio Vellez Caldeira Castello Branco, pois Valença cahira já em poder dos miguelistas, que a Almeida decerto succederia dentro em pouco o mesmo, que as forças constitucionaes ao norte do Douro vinham sobre Vallongo perseguidas pelos generaes Gaspar Teixeira, D. Alvaro da Costa, que dispunham já de mais de 4:000 homens e que ao sul do mesmo rio as forças de que dispunha Povoas se elevavam de 8:000 a 10:000 homens com 900 cavallos, quando os constitucionaes acampados em Villa Nova de Gaya não iam além de 3:400 homens e uns duzentos cavallos com seis boccas de fogo, resolveu-se que se dissolvesse a Junta e que as tropas passassem a enternar-se na provincia do Minho d'onde depois passariam á Galiza no caso de ser-lhe adversa a sorte das armas. Do commando do exercito e de dirigir a retirada foi encarregado Saldanha, que para isso se offereceu. Havendo elle pedido companheiros para os auxiliarem na missão que ia desempenhar, foram para isso nomeados o coronel Francisco da Gama Lobo e o dr. Joaquim Antonio de Magalhães. A Junta deu-se logo por dissolvida. Perante o perigo commum desappareceram todas as distincções partidarias, Saldanha estava afinal senhor unico da situação mas o peior é que a victoria voltava-lhe as costas. Depois d'aquella nomeação, Saldanha dirigiu-se ao alto de Santo Ovidio onde estava o exercito e ahi por conselho de Bernardo de Sá Nogueira convocou um conselho militar, composto dos commandantes das brigadas e corpos, aos quaes participou que a vontade da Junta era a de que o exercito a retirasse para Galiza. «A' vista d'isto pediu-lhes que dissessem se contavam com a subordinação dos seus corpos depois de tantas retiradas.» A resposta foi unanime, de que se não devia fazer tal retirada mas sim combater até a derradeira extremidade dentro do paiz. Esta resposta, depois de passada a escripto e assignada por todos os officiaes presentes, foi enviada a Saldanha, que sem esperar por esta formalidade se retirou apressadamente para o Porto. D'ahi escreveu um bilhete ao coronel de infanteria n.º 6, Francisco José Pereira, em que lhe dizia «*que se elle tivesse começado o movimento* (a revolução de 16 de maio) *elle havia de leval-o avante; mas que não tendo começado, elle não podia continuar a ser commandante do exercito.*»

(*Continua.*)

MARQUES GOMES.

AZEITÃO

PAÇO DOS AVEIROS EM SUAS RELAÇÕES COM A HISTORIA

XIV

Até aqui occupei-me rapidamente dos jesuitas sob o sceptro portuguez; darei agora a relação que Sismondi faz da celebrada queda de um dos estabelecimentes commerciaes, que os jesuitas tinham nas suas chamadas missões.

«O padre, La Valette, jesuita francez das missões de Martinique, estava ahi encarregado de vastos interesses mercantis, mas, porque em 1755 os inglezes lhe apresaram muitos navios não poude fazer face ás enormes perdas. A ordem, por um calculo sordido, abandonou-o; em vez de pagar-lhe as dividas. Só Léonay, negociante de Lyon, accionou a ordem por 1.500:000 libras de letras protestadas e o padre declarou-se quebrado com uma fallencia superior a trez milhões. Os chefes da ordem, não querendo a solidariedade das dividas, declararam que La Valette tinha transgredido as constituições, que prohibiam o commercio. O tribunal commercial de Paris, em que se julgava o pleito, encontrou n'esta allegação motivo para que lhe fossem presentes as constituições da ordem, e, depois de muitas difficuldades, alcançou uma edição da regra em quatro volumes, impressa em Praga. Quatro commissarios foram encarregados do exame. Em 8 de maio de 1761 a ordem foi condemnada a pagar as dividas de La Valette. A curiosidade de vêr as celebres constituições foi commum a todos os parlamentos francezes e resultou do seu estudo, que as instituições de Loyola e de Laynez eram uma conspiração contra a ordem civil e poder politico da sociedade.—Toda a ordem judiciaria, todos os velhos jacenistas, grande parte do clero secular e ordens monasticas, todos os philosophos, todos os espiritos fortes, todos os libertinos denunciaram os jesuitas e proclamaram a sua queda como um triumpho da razão humana. Ao mesmo tempo os soberanos declararam-se seus contrarios, as republicas de Veneza e de Genova, limitaram os seus privilegios e em Vienna foram privados das cadeiras de theologia e philosophia. Em Turim, o rei levantava contra elles os principes da casa Bourbon, Madrid, Napoles e Parma, declaravam-se seus inimigos. Entretanto entravam em Civitta Vecchia, navios carregados de jesuitas, em 1759 os de Portugal, em 1760 os da America portugueza, em 1761 os de Gôa e Indias orientaes».

Em 1741, já Benedicto XIV tinha querido pôr termo aos actos commerciaes e trafico da escravatura, que os jezuitas faziam no Brazil, mas a sua influencia nas côrtes de Lisboa e de Madrid, annullou os effeitos da bulla *Immensa pastorum principis*. Em 1755 o governo portuguez creou a companhia do Pará e Maranhão, para desfazer o monopolio commercial da companhia de Loyola, n'aquellas partes e decretou a liberdade dos *indios*, suas pessoas e bens e a faculdade de livremente commerciares como cidadãos portuguezes.

Parece sufficientemente demonstrado que em Portugal, nas possesões ultramarinas e no extrangeiro os jesuitas eram os mesmos e eguaes os seus erros, sem necessidade de se lhes inventar novas faltas ou suppostas culpas.

*

De uma obra publica em Tivoli, na Italia, em 1619, extratarei alguns versos de uma pequena satyra, que tem graça e... não offende.

Jesuitographia

«Opulentas civitates
«Ubi sunt commoditatis,
«Semper quœrunt isti patres.

«Claras odes bonum vinum,
«Bonum panem, bonum linum
«Et pallium tempestivum.

«Iudio galli, capones,
«Turdi, lepores, pavones,
«Sunt patrum bucones.

«Pingui carne vitulina,
«Non bovina, sed ovina
«Horum plena est coquina.

.....
«Dominantur temporale
«Dominantur spirituale
«Dominantur omnia male.
.....
.....
«Ergo

«Vos quí cum Jesu itis.
«Non iti cum Jesuitis.

*

«*A ambição dos Tartufos*» entremez publicado por tempos de D. João V é uma satyra mordaz aos jesuitas, e que os apresenta lograndos engraçadamente. Uma passagem que tiro ao accaso é a disputa entre um doutor e dois jesuitas e aquelle para provar que a lua é deshabitada diz:

«Ouçam, padres, se querem que os instrua,
«Não tem terra o concavo da lua,
«Por quanto se a tivera, lá teria
«Uma quinta a Companhia:
«*Aqui* que tal quinta não encerra,
«*Ergo* o centro da lua não tem terra.

Os jesuitas que aspiram a modelar um mundo a seu geito e talvez ao imperio universal pelo seu geral, tem atravessado os tempos, sempre impassivos, por entre o sarcasmo, a satyra, e uma opposição, que ora esfria, ora encandece sem alcançar destruir de todo o intuito. O maior mal vem-lhes d'elles proprios, que quando se lhes douram os tempos esquecem as lições da adversidade.

*

O jesuitismo é uma seita perigosa para a sociedade, que tende a dominar pelo abatimento intellectual, embora isto pareça um paradoxo, para quem apparenta uma vida de collegios e instrucção. Por si e pelos seus sequazes, jesuitas de roupeta e de todas as vestes sacras e profanas, apregoam-se puros e justos, victimas e martyres da sociedade politica, por quem se dedicam e que não quer comprehendel-os. Para um só mal, que attribuem á companhia de Jesus, não faltam nunca dezenas, centenas e até milhares de patronos a defendel-a.

Quando se attribuiu á sociedade de Loyola cumplicidade no attentado contra D. José I, foi levada ao seu excesso a nogação da sua interferencia, pretendendo uns que fosse scena da politica do ministro Carvalho e por elle preparada, outros chegaram mesmo a negar a existencia do facto. As provas de cumplicidade encontradas seriam de menos valor para com outros que não fossem os astutos jesuitas, que tramam sempre na sombra, lançando o punhal a mão estranha. Mas quando faltassem provas bastariam as suas antecedencias. O regicidio para a famosa companhia chegava a ser um acto meritorio, tendo colligido com cuidado das historias sagrada e profana, exemplos de tyranicidios para justificar tão errada proposição.

No primeiro quartel do seculo XVII publicou-se na Italia, em latim, um grosso volume, cujo titulo é—«Historia jesuitica, isto é, da origem, da regra, das constituições, dos privilegios, incrementos, progresso e propagação da ordem dos jesuitas e, do mesmo modo, dos seus dolos, fraudes, impposturas, impias façanhas, cruentos conselhos, falsa, sediciosa e sanguinolenta doutrina». Uma das grandes divisões d'este livro, foi destinada só, a demonstrar com exemplos a perniciosa applicação que os jesuitas fizeram das suas doutrinas.

Sendo tida como perniciosa a companhia de Jesus, defensora confessa do regicidio, havendo sentido o peso do sceptro de D. José I, claro era, que não podia ficar isenta de suspeição e cumplicidade no attentado contra o rei, mesmo quando não abundassem provas.

Na tarde de 13 de dezembro de 1758, a tempo que já estavam em seguro os Tavoras, Aveiros e mais indiciados no crime de setembro, procedeu-se ao cerco de todas as casas da companhia em Lisboa, ficando n'ellas reclusos os habitadores. No dia 11 de janeiro seguinte o provincial e mais 5 jesuitas dos mais celebrados passaram em seges e sob segura escolta para o forte da Junqueira, transformado em prisão de estado. A 19 procedeu-se ao sequestro de todos os bens da companhia, concedendo-se o subsidio de 200 réis diarios para sustento de cada padre. De egual modo se procedeu com as demais casas de jesuitas disseminadas pelo reino, vindo os padres do Montijo, cujo numero era avultado, para o palacio dos Aveiros, em Azeitão. O desembargador Agostinho de Novaes Campos, foi, conforme elle diz no testamento, *encarregado da diligencia da custodia dos padres da Companhia de Jesus, em Azeitão, respondendo pela sua boa guarda e dispendendo camesariamente as quantias necessarias para a sustentação dos reclusos.*

O corpo militar, que primeiro fez a guarda da custodia, foi o regimento de Setubal, a que o desembargador gratificou com 6$400 réis, quando foi rendido. Do serviço medico foi encarregado o dr. Manuel Henriques da Silva, medico de Azeitão, e remunerado com 2$000 réis mensaes.

Em 18 de junho de 1765 falleceu *repentinamente* (é de notar que sempre nos negocios dos jesuitas haja mortes repentinas) o desembargador Campos, succedendo-lhe na commissão o dr. Agostinho Machado de Faria, segundo juiz de fóra do concelho de Azeitão.

(Continúa).

J. Rasteiro.

CARTA DE GOES

30 DE OUTUBRO DE 1893.

Conflicto entre o administrador do concelho, Francisco Ignacio, e o escrivão de fazenda, Cunha Gouvêa

O administrador substituto do concelho, Francisco Ignacio, tem provocado uma e mais vezes e por differentes modos o escrivão de fazenda Cunha Gouvêa. Não sabemos, nem queremos saber, qual a politica ou o grupo politico a que pertence o sr. Gouvêa; o que sabemos por experiencia, é que tem exercido o seu cargo com zelo, probidade e competencia. Mas como para não estar nas boas graças do sr. Manuel Ramos é sufficiente que seja probo, honesto e imparcial; vem-lhe dahi a guerra que o mesmo sr. Manuel Ramos lhe manda fazer por seu sobrinho Chico reles. Sabem todos a jactancia e altivez com que o sr. Ignacio falla aos seus subordinados e o modo sempre submisso e humilde com que elles acceitam as suas fanfarronadas, que nunca primaram por attenciosas e delicadas. Um escrivão de fazenda é para o sr. Francisco Ignacio o mesmo que o são para o sr. administrador um Boqueiro em Polaco, ou um sujeito qualquer semelhante a estes. O sr. Gouvêa, porém, que conhece o que vale e a posição digna e grave que deve tomar como empregado e delegado da fazenda publica que representa, não quer, nem tolera que o sr. administrador do concelho o insulte e desprestigie. Historiemos o facto.

O sr. Ignacio com as suas repetidas provocações ao sr. Gouvêa, salientou-se por tal fórma na reunião da junta dos repartidores que obrigou o sr. Gouvêa a insurgir-se contra o sr. Ignacio, tornando-se publica uma manifestação azeda que podia ter consequencias graves, se não interviessem a favor do sr. Ignacio os braços vigorosos do medico Cardoso e de José Murraça e outros, que agarrando violentamente o sr. Gouvêa, o trouxeram quasi de rastos dentro da propria sala da administração do concelho! E teria sido victima da irascibilidade do furioso, mas cobarde administrador, se, como esperavam alguns, apparecesse na sala, transformada em circo, um tal engeitado assalariado para ferir o sr. Gouvêa! A premeditada provocação ao sr. Gouvêa havia de necessariamente surtir seus effeitos. Por mais modesto, brando e pacifico que elle fosse, não podia supportar que um creançola sem consciencia de seus proprios actos lhe dirigisse constantemente phrases que tendiam unicamente ao desconceito, parecendo sempre menos proprias as replicas do sr. escrivão de fazenda ao espaventoso e atrevido administrador do concelho, que com os seus ares habituaes de audacia e petulancia feriria os menos versados nas leis e deveres da decencia, da cortezia e urbanidade, qualidades inseparaveis do cargo de administrador do concelho.

Para o sr. administrador substituto, sempre, sempre reles e sem modo de rehabilitação, provocar com as suas asperezas de phrase o sr. Gouvêa teve de escolher occasião bem opportuna, e foi a de estarem presentes tres satellites do sr. Manuel Ramos, medico Cardoso, José Murraça, José Monteiro e outros, que não sendo industriaes nada tinham que fazer em uma reunião em que o sr. administrador tractava, propunha e approvava apenas o que era favoravel aos eleitores do sr. Manuel Ramos, forcejando e impondo-se mesmo a que fossem, sob diversos pretextos, mais collectados os que eram eleitores progressistas. D'aqui parte o conflicto com o sr. escrivão de fazenda que não se presta a estas manobras de serviços eleitoraes, mas que com ellas pretende o sr. administrador angariar votos para seu tio Manuel Ramos, que sendo o administrador effectivo, põe, quando e como quer, em seu logar, o inconsciente sobrinho, tudo para honra e louvor ao sr. conselheiro Neves e Sousa, que parece ter concedido licença illimitada ao administrador effectivo com prejuizo da fazenda nacional pela falta de pagamento da respectiva propina ou emolumento devido aos empregados licenceados, mas que emquanto ao licenceado sr. Manuel Ramos não deu entrada na recebedoria respectiva quota alguma com aquella proveniencia. O sr. Ignacio, substituto para todos os effeitos, havia apresentado ao sr. escrivão de fazenda um requerimento em que pedia que pelo facto de não ser administrador, não lhe cabia a collecta de contribuição industrial lançada á sua pessoa, que só recebe mas não paga e que devia ser lançada a seu tio Manuel Ramos, administrador effectivo. O sr. escrivão de fazenda, em sessão ou conferencia da junta dos repartidores, disse e observou ao sr. administrador que tinha suas duvidas sobre se elle podia alli occupar o logar de presidente da junta, porque estava em seu poder um requerimento em que elle Ignacio pedia para ser eliminada a sua collecta como administrador. E como n'aquelle logar só podia ter assento o administrador do concelho, era evidente que o sr. administrador Ignacio confessava a sua propria incompetencia. Oh! Gouvêa que tal disseste! Começa o sr. Ignacio em altos gritos, que é a sua arma favorita, stygmatisando a audacia do sr. Gouvêa, que por modo tão brando e delicado o pretendia esbulhar do seu logar, que como v. vê, sr. redactor, não pertencia ao audacioso e intruzo administrador.

Não ha memoria de se ter encontrado em parte alguma um parvalheira tão insolente e tão ignorante dos principios mais triviaes que regulam este serviço e ainda outros de natureza egual. O sr. Gouvêa não lhe permittindo a sua dignidade de empregado que ficassem de pé os desvarios de um rapazola inconsciente e malcreado, dirige-se-lhe a pedir explicações. E' n'esta occasião que o sr. Gouvêa é agarrado violentamente pelo tal automato Cardoso e boçal Murraça a ponto de, como já dissémos, trazerem o sr. escrivão de fazenda quasi de rastos pelo chão! O abuso de auctoridade é tão manifesto que ella mesmo se arrogou o direito de subtrahir ao sr. Gouvêa o requerimento que lhe tinha apresentado, como quem queria occultar ou encobrir a sua ignorancia e má fé pela fexadura da sua gaveta.

Terminado este incidente, o sr. escrivão de fazenda foi trabalhar para a sua repartição, ficando os trabalhos da junta dos repartidores á mercê do reles que, indo a Coimbra verter a lagrima do arrependimento perante o seu digno protector, voltou no dia immediato, cheio de vigor, a continuar no seu cynismo de auctoridade administrativa, a mais vingativa, despotica e reles que existe no districto, tudo para louvor e dedicação politica do sr. conselheiro Neves e Sousa.

— Regressam ámanhã da Figueira da Foz os nossos prestimosos amigos e distinctos correligionarios, commendador Marques, digno presidente da camara, e o sr. Luiz Antonio Barata. Que sejam bem vindos e que tragam a robustez precisa para as prepotencias do Reles.

Desculpe-me, sr. redactor, de tanto abusar da sua proverbial bondade e dedicação, pois que sou com subida consideração

De v. etc.
O Xara.

CARTA DE CANTANHEDE

1 DE NOVEMBRO DE 1893.

Tem graça!

O nosso collega do *Timbre*, na sua correspondencia de 27 de outubro de 1893, publicada no numero *109*, diz a nosso respeito o seguinte:

«A fazer uso de banhos, partiu para a Figueira da Foz, Francisco Reis da Silveira Magalhães, que, segundo nos disse, tenciona alli montar um *atelier* photographico, para o que mandou vir do estrangeiro, em grande velocidade, uma machina instantanea».

Ora o collega, decerto estava a brincar com nosco, visto que não foi verdadeiro no que disse, ou então entendeu mal o que lhe dissemos e por isso pedimos lhe para rectificar a noticia, e narrar o que se passou entre nós, que foi o seguinte:

Em 15 do findo mez, despedimo-nos do nosso amigo particular e collega do *Timbre*, e offerecemos-lhe os nossos serviços e casa na rua dos Banhos n.º 86 na Figueira da Foz, e pedimos lhe ainda para no caso de dar entrada na estação do caminho de ferro, d'esta villa, um apparelho photographico, para nol-o enviar para lá, e nada mais.

Diga, pois, collega como é que podia ser montar um *atelier* photographico n'aquella terra sem nada sabermos? Nós que só somos um simples e reles amador. Aqui tencionamos, não montar atelier, mas tirar as photographias que nos pedirem, com a condição dos photographados se sujeitarem ao nosso serviço, porque, como já dissémos, não somos artista, mas sim um reles amador. Em vista d'isto, pedimos de novo ao collega, para rectificar a noticia na parte que diz respeito ao atelier que iamos montar na Figueira da Foz, por não ter graça, e nem mesmo estarmos dispostos a receber alguma critica.

Desculpe o collega, o incommodo que tem em rectificar a noticia que deu, em vista de não ser verdadeira, e fazemos votos para não continuar.

— Cantanhede continua na mesma para variar. Noticias não ha nenhuma que valha a pena transmittil-as aos nossos leitores.

Terminamos por prometter em breves dias, principiar a publicar uma serie de escriptos, que se referem aos *maldizentes d'aqui*, no caso de não deixarem de propalar calumnias sobre pessoas honradissimas e bem comportadas. *Reis da Silveira.*

BIBLIOGRAPHIA

Chorographia de Portugal, Illustrada.—Assim se intitula um novo livro do professor sr. Ferreira Deusdado, que os srs. Guillard, Aillaud & C.ª acabam de editar, o que equivale a dizer que no nosso paiz appareceu mais um livro util, pedagogicamente fallando, e primoroso de execução, se attentarmos na coloração e desenho dos 20 excellentes mappas e 50 bellas gravuras que o acompanham.

Esses 20 mappas dos quaes os tres primeiros, com 8 paginas de texto, temos presentes, são executados por um processo inteiramente novo e pela primeira vez posto systematicamente em pratica n'uma publicação portugueza.

Os tres referidos mappas são os de Portugal e Colonias, Portugal chorographico e Portugal hydrographico, e estão elaborados por forma irreprehensivel.

A obra completa, que já se acha á venda em todas as livrarias, custa réis 15000 apenas, devendo os pedidos ser feitos á filial da casa editora em Lisboa, na rua Aurea, n.º 242, 1.º

A casa Guillard, Aillaud & C.ª previne todas as pessoas a quem envia prospectos, que estes são gratuitos, e unicamente um meio de tornar conhecidas as suas obras, sendo portanto desnecessario que as pessoas a quem elles são enviados os devolvam.

Egualmente previne todos os srs. professores a quem tem sido enviados prospectos-vales da Chorographia do sr. F. Deusdado, que os mesmos são validos até se annunciar o contrario, isto em virtude de n'elles se dizer, que só são validos até 1.º de outubro corrente.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annunciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

AMA DE LEITE

OFFERECE-SE uma. Na typographia d'este jornal se diz.

A VERDADE ZOMBA DA CALUMNIA

Em todas as nações se teem visto, e em todos os tempos, certos homens nocivos por natureza e por habitos inveterados, que só aspiram o ar da calumnia; só se nutrem, como as hyenas, da podridão da infamia; só vegetam contentes nos charcos da torpeza, e de lá sacodem os aleives mais grosseiros e nauseabundos sobre tudo quanto se eleva acima d'esses brejos mephiticos, onde se revolvem. Porém nas sociedades bem constituidas esses entes carregados com o desprezo das classes illustradas, apenas se abrigam nas guaridas da infima plebe; as suas diatribes apenas são recebidas nas orgias indecentes da populaça; e só quando por alguma fatalidade, essa populaça feroz consegue arrazar o edificio social, é que essas palestras de lupanar apparecem, como seus authores, em logares mais elevados, d'onde a virtude e o decoro fogem espavoridos, até que a reacção da *ordem publica*, oppondo novos diques á onda revolucionaria, faça desapparecer os horriveis vestigios d'esta inundação fatal.

Só, talvez, em Portugal (doloroso é dize-lo) se tem visto essa classe de diffamadores impudicos, rebotalho da sociedade, a quem nenhum homem honesto apertaria a mão em publico, favorecidos e incitados por homens de mais alta esphera, que se arream com o titulo de chefes de uma parcialidade politica, e que, cegos pelo espirito de uma ignobil vingança, não vêem o abysmo que cavam a si proprios, rebaixando se ao lodaçal immundo, aonde vão procurar tão infames agentes, e adoptando, para pedestal da sua elevação ao poder, um monturo de revoltantes calumnias, cuja torpeza e falsidade elles proprios reconhecem.

Só, talvez, em Portugal uma imprensa periodica, que aspira a ser lida por gente sizuda e decente, acolhe com avidez esses libellos famosos, contradictorios, malévolos, absurdos, e não poucas vezes ridiculos, forjados pela maldade mais cynica, abonados por homens obscuros, cujo testemunho altamente suspeito se pertende eppôr ao de personagens respeita-

conhecendo assim tacitamente a impotencia de o combater frente a frente com alguma esperança de successo pelos meios legaes e honrosos, de que costumam servir-se as opposições decentes.

O Conde de Thomar foi novamente levado ao poder, quasi constrangido, *pela voz da opinião nacional, e pela força das circumstancias.* Sim: *a voz da opinião nacional* espressada nas urnas eleitoraes em 1847, chamava incontestavelmente á direcção dos negocios publicos o Conde de Thomar e o seu partido. A expressão da urna triumphou por fim, e *a força das circumstancias* fez que, em 18 de junho de 1849, se cumprisse a sentença do voto nacional.

Desde então a antiga *liga revolucionaria*, reforçada porventura com o despeito de alguns personagens decahidos, decidiu nos seus conventiculos seguir em 1849 o mesmo caminho tortuoso e traiçoeiro que seguira, e tanto lhe aproveitára em 1846 — mesmo ate porque não sabem outro: a serpente não conhece a linha recta. Não conta essa liga na verdade colhe hoje de taes ardis, já desacreditados, o mesmo fructo dentro de paiz para desvairar o espirito dos povos, a quem a recente experiencia têm tornado mais circumspectos e desconfiados d'esses contos fabulosos, d'esses mexericos quotidianos; mas o seu fim d'esta vez têm sido porventura surprehender o Paço com alguma sensação repentina, ou talvez impressionar a diplomacia estrangeira com ficções que possam avultar ao longe.

Para o conseguir, a imprensa revolucionaria de Portugal entrou de novo a recapitular as antigas calumnias, cem vezes desmentidas pela imprensa moderada, e pulverisadas, na tribuna parlamentar, com provas irrecusaveis, ás quaes nunca se oppôz um só documento, que ao menos désse o pretexto de sinceras a essas vis accusações. Tratou-se depois de redigir em lingua ingleza um libello famoso no mesmo sentido contra o Conde de Thomar para se mandar publicar em Londres. Não acharam porém d'esta vez quem se encarregasse da degradante tarefa de perfilhar esse apontuado de mentiras absurdas, senão o *Morning-Post*, trombeta ultramontana em seu cynismo de auctoridade administrativa, a mais vingativa, despotica e reles que existe no districto, tudo para louvor e dedicação politica do sr. conselheiro Neves e Sousa.

— Regressam ámanhã da Figueira da Foz os nossos prestimosos amigos e distinctos correligionarios, commendador Marques, digno presidente da camara, e o sr. Luiz Antonio Barata. Que sejam bem vindos e que tragam a robustez precisa para as prepotencias do Reles.

Desculpe-me, sr. redactor, de tanto abusar da sua proverbial bondade e dedicação, pois que sou com subida consideração

De v. etc.
O Xara.

CARTA DE CANTANHEDE

1 DE NOVEMBRO DE 1893.

Tem graça!

O nosso collega do *Timbre*, na sua correspondencia de 27 de outubro de 1893, publicada no numero *109*, diz a nosso respeito o seguinte:

«A fazer uso de banhos, partiu para a Figueira da Foz, Francisco Reis da Silveira Magalhães, que, segundo nos disse, tenciona alli montar um *atelier* photographico, para o que mandou vir do estrangeiro, em grande velocidade, uma machina instantanea».

Ora o collega, decerto estava a brincar com nosco, visto que não foi verdadeiro no que disse, ou então entendeu mal o que lhe dissemos e por isso pedimos lhe para rectificar a noticia, e narrar o que se passou entre nós, que foi o seguinte:

Em 15 do findo mez, despedimo-nos do nosso amigo particular e collega do *Timbre*, e offerecemos-lhe os nossos serviços e casa na rua dos Banhos n.º 86 na Figueira da Foz, e pedimos lhe ainda para no caso de dar entrada na estação do caminho de ferro, d'esta villa, um apparelho photographico, para nol-o enviar para lá, e nada mais.

Diga, pois, collega como é que podia ser montar um *atelier* photographico n'aquella terra sem nada sabermos? Nós que só somos um simples e reles amador. Aqui tencionamos, não montar atelier, mas tirar as photographias que nos pedirem, com a condição dos photographados se sujeitarem ao nosso serviço, porque, como já dissémos, não somos artista, mas sim um reles amador. Em vista d'isto, pedimos de novo ao collega, para rectificar a noticia na parte que diz respeito ao atelier que iamos montar na Figueira da Foz, por não ter graça, e nem mesmo estarmos dispostos a receber alguma critica.

Desculpe o collega, o incommodo que tem em rectificar a noticia que deu, em vista de não ser verdadeira, e fazemos votos para não continuar.

— Cantanhede continua na mesma para variar. Noticias não ha nenhuma que valha a pena transmittil-as aos nossos leitores.

Terminamos por prometter em breves dias, principiar a publicar uma serie de escriptos, que se referem aos *maldizentes d'aqui*, no caso de não deixarem de propalar calumnias sobre pessoas honradissimas e bem comportadas. *Reis da Silveira.*

BIBLIOGRAPHIA

Chorographia de Portugal, Illustrada.—Assim se intitula um novo livro do professor sr. Ferreira Deusdado, que os srs. Guillard, Aillaud & C.ª acabam de editar, o que equivale a dizer que no nosso paiz appareceu mais um livro util, pedagogicamente fallando, e primoroso de execução, se attentarmos na coloração e desenho dos 20 excellentes mappas e 50 bellas gravuras que o acompanham.

Esses 20 mappas dos quaes os tres primeiros, com 8 paginas de texto, temos presentes, são executados por um processo inteiramente novo e pela primeira vez posto systematicamente em pratica n'uma publicação portugueza.

Os tres referidos mappas são os de Portugal e Colonias, Portugal chorographico e Portugal hydrographico, e estão elaborados por forma irreprehensivel.

A obra completa, que já se acha á venda em todas as livrarias, custa réis 15000 apenas, devendo os pedidos ser feitos á filial da casa editora em Lisboa, na rua Aurea, n.º 242, 1.º

A casa Guillard, Aillaud & C.ª previne todas as pessoas a quem envia prospectos, que estes são gratuitos, e unicamente um meio de tornar conhecidas as suas obras, sendo portanto desnecessario que as pessoas a quem elles são enviados os devolvam.

Egualmente previne todos os srs. professores a quem tem sido enviados prospectos-vales da Chorographia do sr. F. Deusdado, que os mesmos são validos até se annunciar o contrario, isto em virtude de n'elles se dizer, que só são validos até 1.º de outubro corrente.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annunciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

AMA DE LEITE

OFFERECE-SE uma. Na typographia d'este jornal se diz.

EDITOS

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro, e cartorio do escrivão do 2.º officio—Barbosa de Magalhães—correm editos de trinta dias a contar do ultimo annuncio no *Diario do Governo*, citando os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, e que sejam do casal do fallecido Domingos Marques da Silva, morador que foi em Aveiro, e fallecido na Beira, Provincia de Moçambique, Africa Oriental, Possessão Portugueza, para deduzirem seus direitos no inventario orphanologico a que se procede por obito do mesmo em que é inventariante a viuva Julia da Graça, moradora na cidade d'Aveiro.

E' tambem citado o herdeiro Domingos Marques da Silva, residente em parte incerta nos Estados-Unidos, do Brazil, para assistir a todos os termos do inventario até final e juntar procuração até ao fim da descripção.

Aveiro, 25 d'outubro de 1893. E eu, Silverio Augusto Barbosa de Magalhães, o escrevi e subscrevi.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Eduardo da Costa e Almeida.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar*, da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas*, que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc.. etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deforraidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,4—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangea de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e sacchariua, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

———

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

———

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense*, em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

———(*)———

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

FUNDIÇAO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

BONITO CAVALLO

VENDE-SE um cavallo, de mais da marca de quatro para 5 annos, para cavallaria, podendo servir tambem para carro. N'esta redacção se diz com quem se trata e onde pode ser visto.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração, Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

vocarem ha-de expô-los em toda a publicidade. Não está disposto, por nenhum respeito humano, a deixar mais tempo que o seu nome sirva de escudo, e a sua honra de jogo a um ambicioso, cuja mediocridade—ábaixo do vulgar, não explica o valimento e predominio, senão por uma dessas aberrações momentaneas, precursoras quasi sempre das iras dos homens, e dos flagellos do céo.

Se a religião politica do marechal foi sempre e ha-de ser a carta e a dynastia, o mesmo zelo e a mesma crença vivem n'elle para não consentir nada, que desconsidere uma, e torne odiosa a outra.

contra o ministro que os felicitava. Sahiram os chefes d'essa *liga* com o seu diabolico intento. Sansões destruidores deram em terra com o edificio social, architectado por mãos habeis; e ficaram-lhe debaixo das ruinas. Ao cabo de cinco mezes declararam-se elles mesmos impotentes contra a anarchia e a penuria nacional que haviam criado, e abandonaram as redeas da governança. Debalde os amigos da ordem tentaram restaurar o Estado anterior. O mal estava feito. A anarchia contumaz reagiu furiosa, e continuou a empregar para manter o seu predominio essas armas da calumnia, de que procedia toda a sua força; e com ellas foi até conquistar alliados entre os radicaes de Londres, e entre os progressistas de Paris. Os écos dos parlamentos d'essas duas grandes nações repetiram, sem criterio, os embustes da imprensa revolucionaria de Portugal, e a aleivosia manchou as vergonhosas paginas do Livro Azul, tão triunfantemente desmentidas depois nas duas casas do parlamento portuguez, em 1848. E contra quem se dirigia essa guerra, tão encarniçada como aleivosa, de atrocissimos embustes? — Contra o Conde de Thomar, a esse tempo residente em Madrid, longe da patria, e alheio ás influencias do poder. O grande empenho do partido ultra-democratico era tolher esse Estadista, tão temido, de voltar a Lisboa, aonde contavam que seria logo acolhido pela ovação espontanea da maioria da parte sensata da nação, desabusada pela comparação das duas épocas, e saudosa dos bens que perdera por effeito da alluvião revolucionaria. As intrigas d'esse partido chegaram a mover a diplomacia a fazer do nome de esse homem celebre uma questão de protocollo, com que o engrandeceram aos olhos de toda a Europa; tentaram impôr-lhe perpetuo desterro da patria; e, se podessem, iriam agrilhoa-lo nos rochedos de Santa Helena.

Se appresentamos esta succinta recordação dos acontecimentos passados, é para mostrar que o partido progressista portuguez, unido em liga offensiva com o partido miguelista (ultra), joga em todos os tempos as mesmas armas — as da perfidia, e as do escandalo calumniador—contra o Conde de Thomar, um dos primeiros homens d'Estado de Portugal; re-

vois e independentes pelo seu caracter e posição, para vilipendiar com nojentas calumnias a vida publica, e até a vida domestica, dos mais celebres estadistas, distrahi-los da seria attenção que exigem os negocios do estado, e estabelecer o *escandalo* como meio de opposição politica, e a linguagem violenta e torpe dos prostibulos como typo da polemica jornalistica.

E assim ha-de ser sempre em um paiz meridional, aonde as paixões actuam ardentemente, em quanto os homens publicos, sob a impressão do dia de hoje, esquecerem o dia de ámanhã, e o preceito evangelico, tão adoptavel na politica de —*quod tibi non vis alteri ne facias!*

Assim ha de ser sempre em um paiz sem educação popular, em quanto a norma do jury de liberdade de imprensa continuar a ser, como até aqui tem sido entre nós inalteravelmente, o *principio da impunidade*, e emquanto a mesma imprensa não chegar a reconhecer o mal que está fazendo a si propria, desvirtuando-se de dia para dia, e criando no povo, pela repetição de episodios mentirosos e de epithetos já safados, um septicismo bem merecido, um indifferentismo chronico, com o qual só podem folgar os inimigos da liberdade, e da moralidade publica.

Estas reflexões eram já em grande parte applicaveis á situação dos partidos e da imprensa em Portugal na época desastrosa de 1846. N'essa época *uma liga* de conspiradores havia jurado o exterminio do Conde de Thomar, sem se deter na escolha dos meios; porque o Conde de Thomar, chefe de uma contra-revolução incruenta, havia sabido, a despeito de duas revoltas militares, pacificar o reino, abrir as fontes da prosperidade publica, elevar o crédito a uma altura inesperada, e começar trabalhos e reformas, que em poucos annos consolidariam a sua obra. Não havia pois tempo a perder para o derrubar. Estão ainda frescos na memoria de todos os portuguezes os embustes escandalosos e absurdos, os boatos torpes, as machinações infernaes, que então se pozeram em jogo para desvairar as multidões, provocando com falsidades espantosas a cólera brutal de crédulos e illudidos camponezes

ZOMBA DA CALUMNIA

POR

JOSE JOAQUIM LOPES DE LIMA

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL
—
1849